

SÓCRATES ENCONTRA UMA FEMINISTA:  
UM DIÁLOGO SOBRE A DIGNIDADE DA  
MULHER

MARCUS VINÍCIUS LOURES RANGEL

# SÓCRATES ENCONTRA UMA FEMINISTA

Marcus Vinícius Loures Rangel

SÓCRATES ENCONTRA UMA FEMINISTA:  
UM DIÁLOGO SOBRE A DIGNIDADE DA  
MULHER

Academia Literária Imaculado Coração de Maria

2019

Dedico esta obra a todas as mulheres com quem convivo, mas, especialmente, a duas, sem as quais todo amor e admiração que nutro pela feminilidade não existiriam, minhas duas mãezinhas.

Primeiramente, à minha Mãezinha do Céu, mulher forte, que muito ensinou-me sobre a feminilidade; em segundo, à minha segunda mãezinha, aquela mulher que me deu à luz e que, seguindo o exemplo daquela primeira, muito testemunhou acerca da beleza de ser mulher.

Dedico também ao meu pai, responsável por ensinar-me como um homem deve tratar uma mulher.

E, por fim, dedico a algumas amigas, que tanto suportaram as minhas incansáveis perguntas sobre o tema, em especial à Maria Gabriela Possidônio Soares, a quem mais incomodei durante todo o processo, e a quem homenageei com o nome da personagem.

E não poderia me esquecer de minha irmã, responsável por suportar todas as minhas loucuras sempre que me empolgo com algum projeto.

## *Sumário*

|  |    |
|--|----|
| Introdução à obra.....   | 5  |
| Introdução ao método .....   | 7  |
| Solilóquio .....   | 9  |
| Primeiro Bloco: O ser pessoa humana como raiz de igualdade.....              | 12 |
| Segundo Bloco: A negação do ser pessoa ou a coisificação do ser alguém ..... | 17 |
| Terceiro Bloco: O feminismo como resposta à objetificação da mulher .....    | 22 |
| Quarto Bloco: As relações interpessoais como caminho para igualdade .....    | 26 |
| Sócrates sozinho em seu quarto novamente .....                               | 37 |
| Ultimas considerações .....  | 38 |
| Bibliografia .....   | 40 |

## Introdução à obra

As lutas feministas têm sido grande fonte de discussão em ambientes universitários, pois muito tem-se debatido sobre o lugar da mulher na sociedade e sua liberdade de escolher seus caminhos sem ser coagida e, até mesmo, sem o impedimento de acessar lugares que são vistos como ambientes puramente masculinos. Assim, um grito pela igualdade vem sendo levantado por várias pessoas, sejam mulheres ou não, que visa inserir a mulher em locais que antes foram negados a elas.

Mas as lutas feministas não ficam somente nessa área. Uma vez inseridas, as mulheres precisam garantir seus direitos e o respeito que lhes é devido enquanto pessoas humanas, visto que, certamente, há situações que impendem a igualdade entre homens e mulheres, mesmo com prerrogativas na lei. É a partir deste horizonte, de lutas feministas ao longo da história, principalmente na mais recente, que este trabalho situou-se e cujo objetivo foi, através de um diálogo socrático, apresentar uma visão do feminismo, da sua história, de seus desenvolvimentos, de suas modificações ao longo do tempo e colocá-lo em confrontação com a doutrina personalista, principalmente aquela desenvolvida por Karol Wojtyła.

Desta confrontação surgiu aquilo que foi apresentado como sendo a última mudança pela qual o feminismo deve passar, uma mudança substancial, onde o novo produto provém de algo anterior, mas difere-se dele, de tal forma, que passa a ser um outro, possuindo em comum com o anterior somente alguns pontos (ARTIGAS, 2005). Desta forma, a filosofia personalista é colocada como sendo a causa eficiente para promover essa mudança substancial na forma de enxergar o feminismo moderno e conduzi-lo a uma forma que leve a cabo aquilo que pode ser colocado como essência íntima do movimento feminista, o grito de igualdade entre homens e mulheres.

Para que esse objetivo fosse alcançado, o trabalho foi dividido em nove pontos principais, que foram agrupados em quatro blocos maiores: a sua estrutura principal. Estes nove pontos não se apresentam delimitados no corpo do trabalho, mas podem ser encontrados na sequência que são citados no decorrer do diálogo. A escolha por não delimitá-los partiu do intuito de deixar a leitura mais fluída.

Portanto, o primeiro bloco foi intitulado *O ser pessoa humana como raiz de igualdade*. Ele possui no seu corpo três pontos: o primeiro pôde ser colocado como *a busca pela raiz de igualdade* e teve por objetivo introduzir o ser pessoa humana como sendo a base existencial da pessoa humana; o segundo tratou da *dignidade própria deste ser pessoa humana* e apresentou

a visão personalista desse ser como sendo dotada de uma dignidade própria; o terceiro foi uma análise da *diferença entre o amar e o usar a pessoa* e partiu de uma reflexão feita por Karol Wojtyła na sua obra *Amor e responsabilidade*.

No segundo, teve-se o título *A negação do ser pessoa ou a coisificação do ser alguém*, que contou com dois pontos: o primeiro apresentou a *revolução sexual como forma de objetificação*; o segundo foi uma reflexão sobre a *castidade masculina*, que quando não vivida torna-se um caminho de objetificação da mulher e que ao ser buscada é a pura expressão de amor para com a pessoa humana.

O terceiro bloco, *O feminismo como resposta a objetificação da mulher*, possuiu apenas um ponto, a *visão histórica do feminismo*, onde pretendeu-se situar o leitor na história do feminismo.

No quarto bloco, considerado o cume de todo trabalho, *As relações interpessoais como caminho para a igualdade*, procurou-se fazer a confrontação das doutrinas feministas com a filosofia personalista, para isso dotou-se de três pontos: o primeiro tratou das *relações interpessoais* e toda a carga que este termo carrega consigo; o segundo procurou trabalhar as relações entre homens e mulheres e, assim, tratar as *diferenças entre a masculinidade e a feminilidade*; por fim, o último ponto, trouxe a *corresponsabilidade* como sendo o caminho para a igualdade desejada.

Algumas explicações extras sobre o trabalho precisam ser feitas, principalmente quanto ao método utilizado na sua confecção, mas, para isso, fez-se necessário um tópico separado, em razão da drástica mudança que ocorrerá.

## *Introdução ao método*

Antes de passar a palavra a Sócrates, queria explicar um pouco sobre o método utilizado e também sobre o estilo do presente trabalho, começemos por este último. Você, caro leitor, deve estranhar, já neste início, a forma com que este foi escrito: onde já se viu escrever, para academia literária, em primeira pessoa? Deixe-me explicar. Este trabalho foge um pouco daquilo que é comum nas apresentações da nossa querida agremiação, pois o mesmo trata-se de uma escrita literária. A escolha do estilo deu-me a liberdade para escrever de uma forma menos científica e mais vivencial, pois, conforme Aristóteles (1965), em sua obra *Poética*, a arte é imitação, e que imitar é congênito do ser humano, com isso várias lições são aprendidas e do imitar a arte é recriada. Outro autor peruano diz que “A literatura nos permite viver num mundo onde as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, onde nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço, onde podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites” (LLOSA, 2019, p.1).

Assim, a ideia central de todo processo foi o de colocar o leitor próximo ao tema e tentar demonstrar que o verdadeiro entendimento das doutrinas filosóficas conduz à uma vivência. Para que isso ocorra, escolhi uma forma de escrita menos culta e mais próxima da fala coloquial, mas sem fugir do padrão gramatical da língua. Outro ponto importante quanto a este estilo foi a liberdade quanto às citações, por não estarem regidas pelas normas da Associação Brasileira das Normas Técnicas (ABNT), no decorrer do trabalho, o leitor não encontrará aquelas formas fixas de citação como são solicitadas nos trabalhos científicos, portanto, serão vistas somente alusões a autores e suas doutrinas e, somente no final, constará uma lista com os livros utilizados e que foram indiretamente citados.

No que tange ao método utilizado, para ressaltar ainda mais o aspecto vivencial das doutrinas, optei pelo método do diálogo socrático. Este método chamou-me a atenção desde as primeiras leituras das obras de Platão, responsável por passar adiante a doutrina de seu mestre Sócrates. A leitura desses diálogos coloca-nos em contato direto com aquilo que está sendo ensinado, como se ele fosse mais um dos que estavam presentes no momento em que o diálogo acontecia. Outra questão, de suma importância, para a escolha desse método foi a leitura do livro *Filosofias da afirmação e da negação* do filósofo brasileiro Mario Ferreira dos Santos, em que ele se utiliza do método da escrita em forma de diálogo, o que facilita a compreensão do assunto. Algo comum aos dois, tanto Platão quanto Mario, é a utilização das duas principais

armas de Sócrates: a ironia, que busca conduzir a uma fuga das opiniões comuns, e a maiêutica, que busca fazer o conhecimento surgir a partir do diálogo.

Agora que você já sabe o que vai encontrar neste trabalho, encerro minha parte e passo a palavra a Sócrates, que será responsável por nos conduzir na busca sobre a verdade acerca deste tema.

## Soliloquio

Prazer, me chamo Sócrates.

Sim, sobrevivi ao tempo e aqui estou! Minha vida tem sido uma contínua busca pela verdade, acho que deve ser isso que me prende nesta Terra. Como estou vivo até hoje? Não sei, mas dedico todos estes meus quase três milênios de vida àquela mesma busca pela verdade que levou-me a tomar veneno na Grécia Antiga. Lembro-me pouco daquele dia, mas deitei-me e pensei que tinha morrido... acordei depois de um tempo e continuei minhas buscas, sempre com o mesmo ideal: *buscar conhecer as coisas como elas são na sua realidade mais íntima*.

Tal busca fez com que eu encontrasse várias pessoas, sempre procurando alguém que pudesse me ajudar sem rejeitar nenhuma fonte. Andei pelos quatro cantos do mundo antigo, estive ao lado de cada personalidade da história do pensamento humano, nas caravelas que descobriram o novo mundo, em universidades, assisti às grandes guerras... enfim, onde quer que uma pessoa estivesse buscando a verdade, lá estava eu, disposto a dialogar com ela. Hoje posso afirmar que sou um resumo de toda história da filosofia, aprendi com todos eles, mas ainda continuo na busca por essa verdade que a cada dia fica um pouco mais clara para mim, mas ainda se apresenta como muito distante em vários outros momentos.

Este diálogo que está em suas mãos é a transcrição de uma conversa, um pouco demorada, que tive, um tempo atrás, com uma jovem que encontrei em uma de minhas caminhadas matinais em busca da tal verdade.

Começo a transcrever este diálogo no final do mês de agosto e, hoje cedo, olhando a paisagem da janela de um quarto e contemplando as cores características deste mês, perdi-me em meus pensamentos, o que é bem comum para mim nestas viagens. Assim, lembrei-me de um dia que encontrei uma jovem andando pelas ruas de Brasília com uma camiseta onde se lia: *“Lute como uma garota!”*. A frase deixou-me inquieto, pedi licença para ela e apresentei-me. Disse que estava interessado em saber mais sobre aquela camisa e sua origem. Ela, de uma forma bem-educada, respondeu que eu estava com sorte, pois naquele dia ela não tinha compromissos e poderia esclarecer todas as minhas dúvidas. E, assim, começamos o nosso diálogo! A lembrança daquele dia trouxe cor à paisagem seca que eu observava, por isso, decidi transcrever tudo o que ali foi tratado.

Mas antes de entrar propriamente no tema, eu e minha amiga firmamos um trato sobre as regras que iriam nortear toda a nossa conversa, para não gastar seu tempo com um diálogo sobre elas, um total de seis, vou explicá-las:

- a primeira é uma reta intenção, a mais simples e básica de todas. No diálogo estamos procurando uma forma de chegarmos a um ponto determinado, o conhecimento sobre o feminismo. Para isso, faz-se necessário um exorcismo de todos os preconceitos que possam influenciar na apreensão deste tema, o que precisa ser feito de ambas as partes, visto que vamos juntos procurar entender a temática;

- o segundo ponto é algo que aprendi recentemente, se tratando de história da filosofia, com um filósofo chamado Martin Buber e que desde então venho utilizando sempre em meus diálogos, o conceito de dialógico. Nosso diálogo deve ocorrer de forma que cada um tenha sempre o outro em mente e não somente aquilo que vai falar. Estar aberto ao outro e ao respeito com aquilo que está sendo colocado deve ser um pressuposto básico para que o diálogo se desenvolva;

- o quesito de número três é a ordenação dos temas. Cada ponto colocado no diálogo deve ser tratado individualmente e de forma ordenada, para evitar que muitas questões sejam colocadas e que se percam sem ser tratadas da forma como devem;

- o quarto ponto é uma consequência direta deste terceiro, que é a necessidade de uma caminhada em conjunto diante dos temas apresentados, sendo necessário, sempre, que as duas pessoas que dialogam estejam no mesmo ponto, para evitar que o diálogo se perca devido à distância entre seus participantes;

- a quinta regra é a condição necessária para que o ponto anterior possa se concretizar. Trata-se da contestação das questões que, durante a exposição de um dos interlocutores, não ficaram bem claras, evitando o distanciamento já mencionado;

- a sexta questão, por fim, é uma alusão à filosofia desenvolvida por Mario Ferreira dos Santos. O diálogo deve ser concreto, no mesmo sentido utilizado pelo filósofo, construído a partir das várias contribuições dadas por ambos os lados, de tal forma que, no fim, possa ser reconhecido um edifício sólido advindo das contribuições.

Apesar dessa explicação não se tratar de uma transcrição, essa primeira parte do diálogo durou cerca de 30 minutos, até que toda a forma do que seria discutido fosse estabelecida, assim nortearmos toda a nossa conversa, que relato ter sido uma das melhores que tive nesses milênios em que estou vivo, pois fluiu de uma forma ímpar. Espero, portanto, conseguir transcrever

fielmente tudo da forma como aconteceu naquele dia. Sem mais delongas, entremos no que interessa de verdade a todos.

## *Primeiro Bloco: O ser pessoa humana como raiz de igualdade*

**Sócrates:** Depois de estabelecermos as regras do nosso diálogo podemos conversar muito melhor do que se só estivéssemos jogando palavras ao vento. Para mim, isso é muito necessário, pois, estou realmente interessado em descobrir mais sobre a história que essa sua camisa tem.

**Gabriela:** E eu estou muito animada, principalmente por ter em minha frente Sócrates, de quem tanto ouvi falar. Por onde começamos?

**S.:** Gostaria de começar te pedindo desculpas, por muito tempo nutri um preconceito com a causa feminista, acho que devido ao fato de eu ter conhecido esse movimento por meio de Sartre e Simone de Beauvoir, e meu contato com eles não foi muito bom. Foi somente a pouco tempo atrás que eu abri meus olhos para a necessidade de estudar e entender melhor este movimento e aquilo que ele reivindica. Por este preconceito que nutri por muito tempo posso te confessar que não sei muito sobre o feminismo, por isso queria começar com a seguinte pergunta: o movimento feminista se baseia em uma reivindicação da igualdade entre homens e mulheres, estou certo?

**G.:** Essa é nossa reivindicação inicial, e aquela que pode ser colocada como o ponto arquimédico do feminismo. Reivindicamos uma igualdade com os homens devido aos períodos de submissão e exploração pelos quais as mulheres passaram durante toda a história da humanidade. Se me permitir, posso te dar uma brevíssima visão deste problema.

**S.:** Muito me interessa e acho que seria muito válido.

**G.:** É conhecido, na história da humanidade, que, durante a sua maior parte, a mulher foi considerada como sendo propriedade do homem, restringindo a ela a vida fechada em um lar, e na maioria das sociedades lhe foi negado o direito de participar da vida pública.

**S.:** Entendo esta visão histórica que você me apresentou sobre a mulher e sua função na sociedade por vários séculos, então o feminismo surge como movimento que busca esta libertação da mulher das cadeias que a prendiam como posse de um homem em particular e a afastavam da vida pública?

**G.:** Sim, tanto que as primeiras reivindicações das mulheres, que ficaram marcadas na história das lutas feministas, foi a do sufrágio universal, ou do direito ao voto, como forma de direito à participação pública das mulheres.

**S.:** Sim, lembro-me de ter vivido nesta época e participado de alguns debates sobre tal tema, no momento em que as sufragistas levantavam sua voz, mas que agora não cabe muito bem em nosso assunto. O feminismo surge então com as sufragistas, mas não se limita a elas, estou certo?

**G.:** Plenamente, podemos dividir o feminismo em três ondas principais: a primeira, que ficou conhecida pelas sufragistas; a segunda, da qual faz parte Simone de Beauvoir que você já citou e que procurou colocar as questões ligadas ao papel da mulher e que esse não está ligado à vida no lar e, por fim; a terceira onda que trabalhou muito o conceito de que não se nasce mulher, mas se torna. Se for do seu agrado posso fazer uma exposição melhor sobre estas fases.

**S.:** Acho que por enquanto estas divisões básicas são o suficiente para nos introduzir nas lutas feministas, mais para frente poderemos tratar melhor desses pontos. Peço desculpas por repetir a pergunta, mas agora pretendo dar um novo passo no nosso diálogo e, para isso, preciso rever algo. Todas estas fases são marcadas pela luta de igualdade entre homens e mulheres, correto?

**G.:** Sim, sobre isso já falamos. Durante a história alguns direitos básicos da mulher foram negados.

**S.:** Perfeito, só precisava voltar a este ponto. Agora eu te pergunto, onde essa igualdade estaria alicerçada? Aqui peço desculpa se me faço entender errado, não quero afirmar que não há uma raiz de igualdade entre ambos, mas quero encontrar onde está essa raiz de igualdade.

**G.:** Não entendi ao certo o que quis dizer Sócrates, esta resposta parece óbvia. A mulher e o homem são iguais por serem humanos.

**S.:** Isso mesmo que eu quero tratar! Tem que haver algo que os faz iguais, mas isto não é tão óbvio quanto você me disse. A partir de uma observação rápida entre homem e mulher percebemos neles algumas diferenças, seja no nível puramente físico, ou biológico e até mesmo no nível cromossômico, em todos há uma diferença observável entre ambos que leva muitos a afirmarem ser impossível uma comunicação entre um homem e uma mulher devido à diferença de seus mundos interiores, por isso, não podemos falar em uma igualdade total entre homem e mulher.

**G.:** Certo, entendi o que você me disse, mas ainda não entendo onde você quer chegar com esta argumentação, se a raiz da igualdade não é observável em um primeiro momento, como você me disse, onde estaria aquilo que você chamou de raiz de igualdade?

**S.:** Se ela não está na parte observável do homem e da mulher e, como colocamos aqui, deve haver esta raiz para que possa haver uma igualdade, então ela deve estar em algo anterior ao ser homem ou ser mulher, algo que é a base que nos permite falar em direitos humanos e afirmar que todos são iguais perante a lei. Esse conceito é anterior à genitalidade pura, anterior até mesmo à definição biológica cromossômica do ser homem ou ser mulher. Essa raiz anterior é o que os filósofos modernos chamam de ser pessoa humana, ou o *subiectum*, aquilo que está na base de todos os seres humanos existentes e que permite a eles agirem de uma forma diferente de todos os seres. Os clássicos diriam que o agir do ser humano segue esta natureza do ser pessoal no seu agir.

**G.:** Você estaria afirmando a existência de algo que estaria na base de todos os seres humanos e que isso seria responsável pelos atos que são realizados por eles, se consegui te compreender bem. Mas agora eu que te faço uma pergunta: se existe algo que está na base do agir humano, este agir não seria livre, pois estaria seguindo um padrão já predefinido por aquilo que você chama de natureza e que é responsável por determinar os atos humanos?

**S.:** Fantástica a sua colocação, agora deixa eu tentar me explicar. Essa natureza da qual eu falo, que pode ser chamada também de essência da pessoa humana, é sim responsável pelo agir humano, mas não da forma que você me disse.

**G.:** Se não é como eu disse, de que forma seria então? Meu problema aqui é quanto à nossa liberdade de agir, pois creio que somos livres para isso e rejeito todas as doutrinas que afirmam que somos como máquinas predeterminadas para a ação, segundo aquilo que temos, e a sua doutrina parece estar em conformidade com essas que eu rejeito.

**S.:** Eu também rejeito todas essas doutrinas que negam ao homem a liberdade de agir, mas essa doutrina que de agora em diante chamarei de personalista, ao afirmar que existe essa base fixa e comum a todas as pessoas humanas, nega somente um tipo de liberdade, aquela liberdade

completa, total e absoluta, segundo a qual a pessoa poderia se construir como que de um nada e ser qualquer coisa que desejar. Mas ao contrário, a liberdade de ação da pessoa é, de certo modo, limitada, por aquilo que ela pode ser enquanto *ser pessoa humana*. Para exemplificar essa realidade uso o exemplo da tentativa de voar. Qualquer pessoa, em qualquer lugar da Terra e em qualquer parte da história, pode tentar bater os braços com toda a força possível, mas ela não vai sair do lugar, isso acontece devido a uma limitação da natureza humana que diz que não somos aptos para voar por força própria.

**G.:** Mas podemos construir um avião para romper com a limitação disto que você chama de natureza e então conseguiremos voar.

**S.:** Sim, podemos! Mas neste caso estaríamos utilizando algo próprio da natureza humana, a inteligência para superar as limitações que nossa natureza nos impõe. E mesmo nesse caso não estaríamos modificando a nossa natureza, continuamos sem a capacidade de voar, neste caso estamos utilizando um meio externo a nós para romper com essa limitação, mas continuamos os mesmos. A natureza humana não deve ser entendida como forma de determinação da ação humana, mas sim como um princípio de ação. Tudo começa a partir dela e daquilo que ela mostra ser possível fazer, mas como se desenvolve a ação humana a partir desse princípio básico não se pode ser determinado, devido a capacidade humana de ser um *quefazer* na sua própria história, mas sempre baseado em potencialidades definidas por aquilo que chamei de natureza.

**G.:** Essa dimensão, o ser pessoa humana, seria pressuposto para todo o agir humano, mas não definiria como vamos agir, mas só dá uma base para que o agir humano possa acontecer, certo?

**S.:** Perfeitamente, como uma planta precisa do solo para crescer, assim nós precisamos dessa base que é o ser pessoa humana.

**G.:** Certo, Sócrates, entendi o que você quis me dizer, sua argumentação e os caminhos que você percorreu, mas ainda não consegui associar esta argumentação com a igualdade pedida pelo movimento feminista.

**S.:** Fico feliz por ter entendido e agradeço a pergunta, pois este seria o próximo passo que eu queria dar. Permita-me a continuar o assunto sobre o ser pessoa humana?

**G.:** Se isso for nos levar aquilo que você chamou de raiz de igualdade, permito!

**S.:** Então, continuemos! Eu creio que esta argumentação e o real entendimento da pessoa humana, quando colocado na base dos trabalhos sobre a igualdade homem-mulher, podem solucionar várias questões que surgirão futuramente. O ser pessoa humana é algo completamente distinto de o que existe na natureza. Essa distinção pode ser feita pela própria pessoa, que ao olhar tudo ao seu redor encontra-se com algumas coisas semelhantes, mas sempre são poucas em relação às diferenças encontradas entre ambos. Dizia Karol Wojtyła, um filósofo que conheci no século passado, que existe um abismo de distância entre a pessoa e o animal mais semelhante a ela.

**G.:** Permita-me a pergunta: que abismo seria este que ele coloca?

**S.:** Chamamos este abismo de vida interior. Nós possuímos aquilo que pode ser definido como um mundo interior próprio, onde só nos encontramos com nós mesmos. Pode-se dar a ele o nome que quiser, alma intelectual, mente ou psique, não importa, o que nos cabe aqui é que existe algo que, nós pessoas, encontramos somente em nós mesmos, e nunca em outros animais. Mesmo que alguns cientistas modernos tentem negar a existência deste princípio que os clássicos chamavam de alma intelectual, não se pode negar que mesmo o cérebro humano se diferencia de forma perceptível do cérebro dos animais.

**G.:** Tudo isso que foi dito faz bastante sentido, que, nós enquanto pessoas, somos distintos de todos os outros animais que estão ao nosso redor, mas qual a consequência disso?

**S.:** Bem simples! Por ser diferente de tudo o que está ao seu redor, a pessoa possui uma dignidade própria devido à sua constituição íntima. Esta dignidade que é atribuída à baseia-se justamente no ser pessoa humana, enquanto natureza superior a todas as outras. Os medievais diriam que no mundo observável a pessoa humana é aquela que está no grau mais alto da escala de seres, e isso confere a ela uma perfeição superior.

**G.:** Agora começo a entendê-lo Sócrates. Já entendi que a pessoa é distinta de tudo o que se observa, mas não somente diferente, como também dotada de uma perfeição maior do que as outras coisas. Se puder, gostaria que continuasse a falar sobre o que essa perfeição traz à pessoa.

**S.:** Agora você utilizou um termo muito interessante: coisa. Devido à essa perfeição própria, muitos filósofos atribuem o termo alguém à pessoa e não para coisa. Essa distinção deve-se a existência da personalidade como consequência do mundo interior da pessoa. Isso mostra que ela nunca pode ser reduzida a padrões pré-estabelecidos e também ressalta uma diferenciação até no modo se conhecer a pessoa humana em comparação com o restante dos objetos do conhecimento. Essa diferenciação atinge sua máxima com a segunda formulação do imperativo categórico da razão prática de Kant: “Age de tal modo a considerar a pessoa sempre como um fim e nunca como um simples meio”.

**G.:** Veja se compreendi bem. A pessoa é um alguém que, enquanto alguém nunca pode ser usado para se conseguir algo, foi isso que eu entendi por não ser um meio da ação que você me citou agora.

**S.:** Justamente. Vou dar um exemplo rápido para podermos entender melhor essa realidade. Quando queremos ir visitar um parente distante precisamos ir de carro, então podemos dizer que o meio utilizado para se chegar ao fim desejado foi o carro. Da mesma forma que para se chegar a um fim podemos utilizar coisas tem-se o perigo de colocar pessoas como somente um meio de nossas ações, para se alcançar um fim. Se o meu fim desejado, por exemplo, é o sucesso posso procurar pessoas que me conduzam a este fim, mas sem olhar para elas por elas mesmas, mas somente por aquilo que elas podem contribuir para o meu fim.

**G.:** Dessa forma, a pessoa se torna descartável, correto Sócrates?

**S.:** Sim, a consequência direta dessa utilização das pessoas, como um simples meio, reside no seu descarte quando um fim é atingido.

**G.:** Isso é desumano!

**S.:** Acho que essa palavra não poderia ter sido utilizada de maneira mais sensata. Agora aqui entra em questão uma análise que conheci pelo mesmo Wojtyla que já citei acima. Sobre a ação que se deve ter com a pessoa. Ele faz uma diferenciação entre a palavra usar e a palavra amar. Para ele o usar estaria limitado a uma busca de satisfação própria e até mesmo de prazer na outra pessoa. Sendo assim, a pessoa que pratica a ação torna-se uma espécie de narcisista moderno que olha para o outro, mas somente enquanto o outro é capaz de dar-lhe aquilo que ele busca. Esse é o que podemos chamar de princípio da objetificação ou coisificação da pessoa humana, pois ela não é considerada em si mesma, mas somente enquanto meio de uma ação. Ao fazer isso a pessoa perde a sua pessoalidade e passa a ser somente mais um objeto que encontramos no dia a dia. Isso é verdadeiramente desumano.

**G.:** Com toda certeza. Mas e quanto à palavra amar?

**S.:** Para Wojtyla o amor é o que ele chama de norma personalista que pode ser enunciada da seguinte forma: “A pessoa é um bem em relação ao qual só o amor constitui a atitude apta e

valida”. A essência desse amor personalista é a afirmação do valor da pessoa enquanto tal. Reconheço nela um bem, uma perfeição própria e esta perfeição é grande de tal modo que a única forma de eu responder a altura daquilo que me foi apresentado é amando o que eu vejo. Logo, podemos afirmar que o amor exige conhecimento e, neste caso, o conhecimento está baseado no entender o outro como uma pessoa humana, com toda carga que este conceito traz. Ao conhecermos essa realidade, ou como Buber trata, ao nos ser apresentada essa realidade, temos que responder a ela de alguma forma e a única forma correta de resposta é através do amor.

**G.:** Essa atitude então seria responsável, se praticada, por conduzir a um respeito mútuo entre todas as pessoas, visto que ao reconhecer o outro como dotado dessa perfeição própria que é o ser pessoa humana, teríamos que respeitá-lo.

**S.:** Isso, e foi por isso que eu quis tratar esse ponto de forma primária em nosso diálogo. Se temos esta base, nossas argumentações sobre a luta feminista ganham uma nova forma de reflexão.

**G.:** Sendo assim, concordo!

## Segundo Bloco: *A negação do ser pessoa ou a coisificação do ser alguém*

**S.:** Queria fazer uma pausa rápida no nosso tema central para poder tocar em um outro ponto que eu acho que tem muita importância na continuidade da nossa conversa. Queria tratar um pouco daquilo que eu chamo de objetificação ou coisificação do ser alguém mais profundamente.

**G.:** Interessante esse seu termo, já tinha me interessado por ele, assim, quero saber mais sobre. Deixa-me só colocar a minha visão a partir do que você já falou. Essa objetificação, gostei mais desse termo, acontece quando se trata a pessoa como um simples meio de uma ação, quando ela é usada e não amada?

**S.:** Justamente! Disso que eu quero falar mais especificamente, sobre a principal forma que essa objetificação acontece e da qual, muitas vezes, não se fala. O famoso sexo sem compromisso, para mim, uma das maiores formas de objetificação.

**G.:** Disso nunca ouvi falar mesmo, como relacionar as duas coisas?

**S.:** Para prosseguir vou usar uma música que ouvi ontem a noite aqui em Brasília. Enquanto eu andava pela cidade, passei na porta de um local onde acontecia um show, de um grupo intitulado *Tribo da Periferia*, e escutei apenas uma música, chamada *Alma de Pipa*, que fez-me refletir ainda mais no nosso tema. Como não a conhecia, tive que pesquisar para entendê-la melhor. A parte que nos interessa é a seguinte:

*E ela vai com o seu jeito que ninguém entende  
Mas deseja tê-la, mas almeja tê-la!*

Aqui, reside o princípio da minha argumentação sobre essa objetificação. Podemos identificar uma reação que expressa bem o termo *usar* em oposição ao *amar* do ser pessoa. Como disse anteriormente, o amor exige conhecimento, mas “ninguém entende o seu jeito”, se eu vou a uma pessoa “almejando tê-la”, mesmo sem conhecer, na realidade não quero a pessoa, mas somente o prazer que ela pode me dar. Essa é a maior forma de objetificação atual, que eu vejo, fruto da revolução sexual em 1968. Se há uma objetificação, eu perco o ser pessoa humana que se torna qualquer coisa, menos um ser alguém, e se não há aquilo que é a raiz da igualdade, como pode existir igualdade?

**G.:** A sua crítica a isso, que você chamou de sexo livre, seria então fruto do fato de que esse sexo livre conduziria a uma objetificação do ser pessoa humana?

**S.:** Isso mesmo! E como a força sexual é o instinto mais forte do homem, se nele há uma redução do outro a um simples objeto do meu prazer é natural que essa objetificação atinja outras esferas da vida da pessoa humana também. Esse movimento pode ser muito bem observado nas sociedades burguesas. Do século XVI em diante, a mulher começa a tornar-se um status para o marido. Ela não precisa trabalhar, afinal o esposo tem uma boa condição de vida e o seu papel

como esposa é o de dar filhos a ele e aparecer com um sorriso no rosto em festas da alta sociedade. Aqui nós podemos colocar o princípio desta objetificação da mulher que serve para o homem somente como status.

**G.:** Nunca tinha analisado por este lado, mas você disse que essa objetificação está relacionada também a revolução sexual, você poderia me explicar mais sobre?

**S.:** Claro! Antes peço desculpas por estar jogando muitas informações no nosso diálogo e que parecem não estarem ligadas entre si, mas, peço que compreenda e me interrompa se lhe parecer muito bagunçado, pois esses temas, para mim, estão intimamente ligados.

**G.:** Por enquanto está tranquilo. Qualquer coisa eu aviso, pois estou interessada em saber onde isso vai levar.

**S.:** Na linha de pensamento de Wojtyla tem um cara, chamado Christopher West, que fala que essa objetificação atinge de uma forma, mais direta, a mulher, que perde mais direitos. Para poder entender isso melhor temos que tratar de um outro tema, que foi colocado por uma profeminista que conheci, Mary Wollstonecraft, que fala da castidade masculina. Lembro-me dela dizer que a falta desta castidade no mundo masculino é fonte de grandes males que atormentam a humanidade e, também, é a causa de vícios que degradam e destroem as mulheres. Aqui está a chave para entender o surgimento do movimento feminista para mim. Tudo é um problema da castidade masculina.

**G.:** Desenvolva esse pensamento, por favor!

**S.:** Durante a história, o sexo masculino depara-se com a sua capacidade sexual de resposta mais rápida, por isso é comum notar em vários períodos uma vida de entrega do homem aos prazeres para satisfazer essa potência sexual. Em sentido oposto, a mulher sempre foi colocada como um ponto de virtude e, por isso, era negado a ela a entrega a esses mesmos prazeres que os homens podiam disfrutar. Com isso, temos dois universos opostos: um, em que se entregar aos prazeres é permitido e louvável e; outro, onde se exige uma virtude, muitas vezes, sem referencial nenhum, uma virtude que deve existir somente por uma pressão social.

**G.:** Isso que você está falando é um discurso conhecido do movimento feminista, tanto que lutamos por essa liberação sexual da mulher também, como é comum aos homens.

**S.:** Sim, conheço essa luta. Só que queria mostrar um outro lado. Como disse acima, essa liberação sexual gera uma cultura do uso. Vou até a pessoa somente pelo prazer que ela pode me dar. Isso já era muito visível já na sociedade grega, em que se admitia ao homem formas de relacionamento somente pela busca desse prazer. A pessoa não importa, afinal não existe ser pessoa humana nesses casos, somente um objeto do meu prazer. Aqui que entra o problema da objetificação, ao expandir essa relação de uso, todos que estão ao meu redor tornam-se objetos, dos quais posso utilizar. A entrega aos prazeres criou uma cultura de uso e descarte quando eu atingir meu objetivo. Dessa forma, perde-se o ser alguém e aquele que está ao meu lado não é mais digno de respeito, pois é o ser alguém que exige respeito, como já explicado.

**G.:** Entendo agora melhor a sua argumentação, mas pode me esclarecer melhor uma coisa? Como o feminismo entra em cena diante disso tudo que você me apresentou?

**S.:** Vou tentar! Diante desse horizonte, em que o homem reduziu tudo ao seu objeto de prazer, a mulher se vê mais afetada, afinal o casamento existe como forma de unir um homem, que foi formado a partir de uma cultura de satisfação de seus prazeres, e uma mulher que aprendeu que deve ser virtuosa. Nesse caso, a primeira a ser objetificada é a mulher. Nesse relacionamento não há uma relação de igualdade, mas sim uma relação de dominação, onde a mulher é vista pelo seu marido como somente um meio dele conseguir prazer. Christopher West afirma que

diante dessa realidade só há uma escapatória, o feminismo, e assim surge o movimento. Há uma separação na relação homem-mulher. Esses que deveriam ser vistos como iguais, devido ao seu ser pessoa humana, agora por causa da entrega do homem aos seus prazeres, se tornam diferentes, um é objetificado pelo outro. Se a mulher é um objeto por que dar a ela direitos?

**G.:** Então o feminismo vai surgir como essa forma de se opor a essa objetificação?

**S.:** Para mim este pode ser o resumo do feminismo, doutrina que busca romper com a objetificação da mulher e reconquistar para elas a dignidade exigida pelo ser pessoa humana.

**G.:** Definição interessante essa sua, nunca tinha ouvido, mas ainda acho que está um pouco restrita e limitante ao se tratar do movimento, porém, gostei.

**S.:** Sim, ela ainda está limitada, pois seria apenas um resumo do que tratamos até aqui. Mas precisamos olhar alguns pontos do feminismo de maneira mais detalhada agora, para podermos expandi-la. Se tudo, até agora, tiver ficado bem claro para você, acho que poderíamos passar para uma outra questão.

**G.:** Certo, mas antes de passarmos, quero ter certeza se compreendi tudo mesmo, pois como você disse não podemos mudar o ponto em discussão sem que o anterior tenha ficado claro, e tivemos várias informações agora.

**S.:** Verdade, vamos ver então!

**G.:** Para entender melhor sua argumentação agora podemos dividi-la em dois momentos. O primeiro a questão da revolução sexual enquanto difusão dessa cultura do uso que levou a uma maior objetificação da mulher, que é vista somente como objeto de prazer para o homem e por isso perdeu o seu ser pessoa humana e conseqüentemente a dignidade que é resposta a ele.

**S.:** Este é o nosso primeiro ponto e parece que ficou claro para você.

**G.:** O segundo seria a questão da castidade masculina, ao homem foi retirado a obrigação da vivência da virtude e quase que por meio de um contrato social foi permitido a ele viver uma vida entregue a busca de prazeres em um certo grau, segundo o que me disse essa vida do homem, longe daquilo que você chamou de castidade masculina, colabora mais ainda com a objetificação da mulher e a desigualdade entre eles.

**S.:** Justo, algum ponto ainda que você quer que eu trate melhor?

**G.:** O que se entende por castidade masculina, pois esse termo ficou meio vazio para mim.

**S.:** Castidade masculina, que eu coloco como sendo a chave para entender o problema do feminismo, é simplesmente o reto uso da sexualidade. A relação sexual é algo que leva à união como consumação de uma relação de amor presente entre duas pessoas. Essa união é a expressão máxima do querer o outro, quero tanto a ele que desejo estar unido totalmente. Essa união total é a relação sexual, em que um se dá ao outro completamente e em todo o seu ser. Mas, com as deturpações que ocorrem na área da sexualidade, esta se torna somente uma força presente na pessoa e que deve ser colocada para fora. Sem o sentido unitivo, a sexualidade se torna um hedonismo puro, uma busca de prazer instantâneo. O que eu chamo de castidade masculina seria a virtude em que o homem entende o sentido da relação sexual como algo unitivo, como uma doação total de si para a pessoa que ele ama e cuida, ou seja, para sempre respeitar que essa doação seja à uma única pessoa, afinal, como aprendi com Chesterton, o amor livre é fruto de uma grande ignorância, pois seria como afirmar que este é algo tão comum quanto acender um cigarro, ou assobiar uma melodia. Tentando ser breve agora, a castidade masculina seria a virtude na qual o homem se reserva para se doar totalmente àquela que ama.

**G.:** Então essa castidade estaria diretamente ligada ao sentimento do amor? O homem se guarda para se doar totalmente à sua amada.

**S.:** Isso mesmo. Só que o termo amor tem que ser visto no horizonte personalista de Wojtyła, como uma virtude, algo que se luta para conseguir. Não se pode confundir atração sexual, comum a todos animais, com a virtude do amor. As virtudes são próprias da pessoa humana e são sempre difíceis para serem adquiridas, pois é o amor personalista à uma pessoa. Somos chamados a amar a todos enquanto são pessoas, mas a doação própria do amor Eros só pode ser total se for somente a uma pessoa e não a tantas quanto se apresentam a mim como atrativas.

**G.:** Essa castidade seria, então, uma expressão de amor?

**S.:** A maior delas. Muito se prega hoje a castidade como uma luta contra uma tendência natural, por imposição de um código moral ou religioso, mas quando entendida como essa virtude que leva a pessoa a se doar totalmente àquele que ama, ela se apresenta como sendo necessária para o verdadeiro amor e, principalmente, é a forma de garantir que eu não busco na pessoa apenas o prazer que ela pode me dar, mas sim a pessoa por ela mesma. Se não a uso e a coloco como fim em si mesma, eu a reconheço como pessoa humana e admito a sua dignidade respeitando-a.

**G.:** Qual seria o oposto dessa castidade que você apresentou?

**S.:** O oposto seria uma atitude que leva o homem a uma busca de sexo fácil, em nome de uma masculinidade que tem que ser constantemente reafirmada através do poder de conquista, seja ele através da conversa que conduz a um quarto de motel, ou através de poder aquisitivo, que conduz a utilização de serviços sexuais.

**G.:** Como assim um conceito de masculinidade que conduz a isso?

**S.:** Estudando a história brasileira, pude perceber que é comum aos brasileiros a famosa iniciação sexual dos rapazes desde o começo da história do país. Lembro-me de conversar com Gilberto Freyre sobre tal assunto uma vez e ele me relatar a existência de forma de iniciação sexual dos jovens nas antigas fazendas, até mesmo com animais. Fazia parte das conversas entre amigos temas como o de com quantas mulheres já haviam se deitado, sendo reconhecido por sua masculinidade através deste fato.

**G.:** Essa cultura ainda perdura?

**S.:** Não da mesma forma, mas ficou impregnado, principalmente na mentalidade nacional, a cultura de que o jovem deve ser iniciado e que a masculinidade é reconhecida através de conquistas sexuais. Esse pensamento que se espalha e que não está presente somente na sociedade brasileira, conduz o homem a uma cultura de entrega a um vício, como se fosse uma virtude do ser homem. Se eu tenho uma cultura que favorece essa visão de masculinidade, as mulheres se tornam somente objetos para a minha autoafirmação como homem, logo, elas estão ali só como um meio para o meu prazer e, mais que isso, se não consigo corresponder a essa exigência, conseqüentemente, sinto-me inferior e busco, então, outras formas de afirmar esta masculinidade que parece afetada.

**G.:** Outros problemas surgiriam então, é como a profeminista que você citou.

**S.:** Perfeitamente! Em decorrência dessa visão errônea da masculinidade, muitos erros aparecem na humanidade, sendo muitos deles a respeito da relação homem-mulher, o que causa muitos males contra essas mulheres.

**G.:** Dessa forma, entendi a importância que você dá a essa castidade masculina e os problemas que a revolução sexual traz, mas eu ainda queria que você falasse mais sobre essa revolução e sobre os problemas causados por ela

**S.:** Bom, como eu disse antes, o sexo é a expressão desse amor que chama à doação total pelo outro. Eu amo de tal forma a pessoa que quero doar-me totalmente a ela e, principalmente, quero que essa pessoa esteja completamente unida a mim também. É neste ponto que entra a relação sexual. Ao levantar as bandeiras de amor livre, essa doação pelo outro foi tirada da definição do amor, visto que essa união íntima e total torna-se uma rápida relação e algo que era a expressão de um amor total se reduz a uma busca por um amor livre. Essa liberdade só pode ser de um tipo, uma libertação da verdadeira união causada pelo verdadeiro amor. Afinal, uma doação total de si a uma pessoa tem por pressuposto que ela seja a uma única pessoa, se assim não for, como posso dizer que me doo por completo a uma pessoa se não há entre nós nenhuma relação fixa e duradoura, mas somente um desejo de tê-la, mesmo sem conhecê-la, como naquela música. Porém, mais do que um grito de liberação sexual, a revolução sexual é um grito pela morte do verdadeiro amor, aquele que Wojtyła coloca como sendo a regra do personalismo.

**G.:** Você está me dizendo que a consequência de tudo isso é a morte do amor verdadeiro?

**S.:** Sim! O sentido do amor foi reduzido a um estado de quase animalidade, ele não possui aquela característica básica do amor humano mais. Não encontramos nesse amor um conhecimento próprio somente da pessoa humana e muito menos uma doação em nome da alegria do outro. Muito tenho analisado vários problemas atuais como sendo consequência da morte desse amor personalista e, cada vez mais, outros aparecem em decorrência dele. Mas isso é assunto para outro dia de diálogo, se eu começar a te falar sobre isso agora eu tenho certeza que vou me empolgar e perder o objetivo principal que colocamos no começo.

**G.:** Que pena, queria saber mais da sua visão sobre isso, que me interessou bastante, mas sei que isso nos levaria a outro lugar e não é esse o nosso objetivo. Bom, Sócrates, agora eu entendi a relação entre castidade masculina, revolução sexual e tudo o que tinha me dito antes, com isso, pensei que tínhamos nos distanciado do ponto em que estávamos, mas percebi que tudo isso é consequência daquela visão que você me apresentou como sendo o ser pessoa humana.

**S.:** Isso mesmo minha cara, tudo está intimamente ligado ao ser pessoa humana e à forma de se relacionar a partir deste modo próprio de ser. Minha intenção até aqui foi só colocar algumas bases de trabalho para

**G.:** Agora minhas dúvidas sobre os pontos que colocamos encerraram-se, portanto, podemos passar para o próximo ponto como você tinha sugerido.

## Terceiro Bloco: O feminismo como resposta à objetificação da mulher<sup>1</sup>

**S.:** Acho que seria necessário agora mais do que nunca eu te ouvir. Primeiro queria perguntar sobre como surgiu a sua relação com o movimento feminista?

**G.:** Conheci o pensamento feminista ainda no Ensino Médio, através de dois professores em especial, um que lecionava História e apresentou uma visão histórica das conquistas feministas e uma professora de Biologia que estudava mais a fundo o movimento.

**S.:** Depois desse primeiro contato você continuou suas pesquisas?

**G.:** Sim, muito me agradou estudar o movimento e muitas coisas eu identifiquei como sendo válidas e comecei um processo de aprofundamento naquilo que me apresentaram. Nunca fui daquelas militantes que vão para as ruas com cartazes em manifestações, mas sempre conversei com as pessoas ao meu redor, tentando mostrar aquilo que acredito como sendo necessário para a mulher hoje, dessa maneira, dediquei algum tempo, até razoável, com esses estudos.

**S.:** Fico feliz em saber disso. Pois bem, vamos ao que interessa. Tudo o que falamos até agora foi uma base para podermos chegar neste ponto. Como você disse, aquela descrição que dei do movimento estava muito limitada. Agora eu queria expandir a visão sobre o pensamento feminista e, para isso, queria colocar aquela breve história que você me disse no começo: a divisão em três ondas feministas. Acho que assim podemos conhecer melhor o movimento. Se puder, vamos começar pelo princípio, queria conhecer mais sobre as famosas *Suffragetes*.

**G.:** Antes de falar delas só queria tratar de uma anterior, Mary Wollstonecraft no século XVIII. Fiquei muito feliz em saber que você a conheceu, pois, já li algumas coisas sobre ela. Sua importância está em levantar a voz em nome das mulheres pela primeira vez, oficialmente falando, uma vez que muitos consideram ela como a divisora de águas entre o profeminismo e o feminismo. Sua obra *Reivindicação dos direitos da mulher* pode ser colocado como “o documento fundador do feminismo”, suas reivindicações giravam em torno da preocupação com a educação igualitária. Segundo ela, devido a inferioridade intelectual das mulheres da sua época em relação aos homens, o corpo da mulher e sua beleza eram os únicos atrativos que elas tinham.

**S.:** Isso eu não sabia tão a fundo, peço que continue por onde achar mais conveniente para expor esse processo histórico.

**G.:** Certo. Agora podemos entrar na primeira onda feminista. Já estamos em meados do século XIX, o ano é 1948, o fato que marca a primeira onda feminista é a inauguração do *Women's Movement* em Seneca Falls, Nova Iorque, nos Estados Unidos. O documento final do encontro, realizado nos dias 19 e 20 de junho, exigia o direito ao voto, educação, trabalho, direitos

---

<sup>1</sup> Vou fazer algumas notas neste ponto, no dia preferi não a interromper para não impedir o diálogo, mas agora acho que é necessário para você, leitor, entender melhor sobre essas autoras feministas, as quais conheci pessoalmente. O pensamento delas se apresenta de uma forma, às vezes, muito bonita dentro do ambiente feminista, mas existem alguns pontos que merecem ser tratados melhor. Neste bloco do diálogo todas as notas que eu coloco são algumas considerações minhas sobre o que Gabriela me disse e que eu achei melhor não falar pra ela por achar que naquele momento não era tão válido.

conjugais e patrimoniais, maternidade voluntária, reformas na saúde e na vestimenta. Tinha-se, assim, o surgimento concreto de um movimento feminista. Anterior a esse fato tínhamos, a partir da década de 1830, vários movimentos que se levantaram pedindo a participação das mulheres na política. Outro nome entra em cena, após o começo do ingresso feminino no mercado de trabalho, Alexandra Kollontai<sup>2</sup> começa a denunciar a dupla jornada que as mulheres estavam suportando. Elas tinham que ser responsáveis pelo serviço, por suas casas e pela educação dos filhos. Entram em cena os debates que estarão presentes de forma mais clara na segunda onda feminista.

**S.:** A primeira onda seria responsável por organizar os primeiros movimentos de inserção na sociedade e de conquista de direitos que antes foram negados e também foi marcado pelo começo da discussão da dupla jornada da mulher, certo?

**G.:** Perfeitamente. O saldo final foi em partes positivo, pois as mulheres pós-primeira onda já adquiriam direito ao voto, já podiam acessar o mercado de trabalho e possuíam igualdade jurídica.

**S.:** Com essas conquistas iniciais começa-se a segunda onda?

**G.:** Sim, é nesta segunda onda que aparecem grandes nomes para o movimento. Queria destacar três autoras deste período e um fato, que você já tratou. A primeira influenciadora da segunda onda feminista é Margaret Sanger, ela vai continuar a reflexão sobre a dupla jornada de trabalho e, para isso ela vai apresentar como solução a esse problema o controle de nascimentos<sup>3</sup>, foi a fundadora da liga Americana para o Controle dos nascimentos em 1921. Aqui já entra o pensamento da segunda autora que eu queria citar, mas antes preciso fazer dois pedidos.

**S.:** Sim, deixa só eu ver se entendi bem o que quis dizer, estamos já na segunda onda feminista que começa a refletir mais sobre a dupla jornada da mulher, e para solucionar o problema começa a se defender um controle dos nascimentos, para que a gravidez não interferisse na escolha da mulher de participar na vida pública. Se eu entendo certo e você não tiver nenhuma objeção sobre o que eu disse pode fazer seus pedidos.

**G.:** Foi isso mesmo que eu quis dizer, vamos lá então. O Primeiro é um pedido de desculpas, pois, precisarei tratar agora de dois autores que você não é muito fã: Simone de Beauvoir e Sartre, pois ela é uma grande influência nesta segunda onda e ele a influenciou com seu existencialismo e a questão da liberdade que tanto foi trabalhada por ele. O segundo pedido seria para que você falasse um pouco sobre o existencialismo, eu conheço algumas coisas, mas tenho diante de mim um resumo vivo da história da filosofia e acho que minha explicação seria como que palha ateadada ao fogo diante da sua experiência.

**S.:** Eu estava ansioso por ouvir você falar sobre esses dois, não precisa nem se desculpar, este ponto é a parte que eu mais esperava. Quanto ao segundo, vou tentar fazer um resumo muito breve sobre o existencialismo de Sartre, que é o que nos importa aqui. Sei que não esgotarei todo o tema e, nem mesmo, tratarei os pontos principais desse filósofo que, como ouvi uma vez

---

<sup>2</sup> Influente na revolução comunista, no seu livro *A família e o comunismo*, Kollontai afirma que as mulheres só seriam livres quando saíssem do domínio de seus maridos e passassem a depender totalmente do Estado. Com ela, o feminismo passa a ter alguns pontos em comum com o comunismo.

<sup>3</sup> O legado de Margaret Sanger pode ser encontrado hoje na Planned Parenthood. O pensamento dela foi marcado por um eugenismo, visto que, para ela, o controle de nascimento era o meio para conduzir a uma raça mais limpa, lembro de uma vez que ouvi ela dizer: “O problema mais urgente hoje é como limitar e desencorajar a hiperfertilidade das pessoas mental e fisicamente inferiores”. A consequência deste pensamento pode ser encontrada até hoje nas clínicas abortistas da Planned Parenthood, que são localizadas, em sua maioria, nos bairros que contêm maior população negra nos EUA. Aas mortes por AIDS, crimes, doenças cardíacas, acidentes de carro, câncer não matam tantos negros quanto os abortos praticados por mulheres negras, os dados revelam que uma mulher negra tem 3,75 vezes mais chances de realizar um aborto que uma mulher branca.

de um alemão chamado Bochenski, se Sartre errou foi em um nível tão alto que poucos conseguem chegar até lá para entender realmente a categoria de seu erro. O existencialismo vai surgir como corrente filosófica, principalmente nos dois pós-guerra e vai tratar muito sobre a pessoa humana, como o personalismo que já citei aqui, mas sempre de uma maneira pessimista e sempre tratando o homem de modo singular e preocupando-se com a sua existência, afinal para quem existimos, se a única coisa que vemos é sofrimento? Essa pergunta é uma das questões que o existencialismo faz e procura responder, sempre questionando o motivo da existência do homem diante da angústia, palavra, essa, muito importante na história do existencialismo. Com essa base, podemos discorrer sobre Sartre agora. Diante das perguntas que ele se faz, afirma que não haveria uma natureza, ou uma essência, no homem, que esse seria uma simples existência que estaria neste mundo como um ser que age e se constrói baseado em uma liberdade absoluta, esta seria o ser do homem. O homem é um ser livre, condenado a liberdade e, como ele mesmo diz, por ser livre é capaz de construir fundamentos morais que não estariam baseados em nenhuma natureza, mas seriam puramente arbitrários. Acho que isso é o suficiente para nossa conversa.

**G.:** Perfeito, eu fiquei feliz em ver que o que eu te falaria não está muito distante disso que me disse, então temos uma mesma base do existencialismo de Sartre para trabalharmos.

**S.:** Só queria colocar uma coisa, antes de continuarmos. Aquela pergunta que você me fez sobre a questão da liberdade em oposição a uma natureza como raiz do agir humano, é uma das consequências deste pensamento de Sartre e de sua liberdade absoluta.

**G.:** Isso eu percebi durante a sua fala. Mas vamos agora tratar de Simone de Beauvoir. A segunda onda começa oficialmente com a publicação da obra *O segundo Sexo*, escrita por ela. Ela conviveu com Sartre por muito tempo<sup>4</sup>, sendo sua principal companheira durante a vida dele, acho que devido a esta proximidade ela acabou por trazer alguns pontos da filosofia dele para o seu pensamento sobre a mulher. Ela continua analisando a questão da dupla jornada da mulher, chegando a afirmar que não poderia ser concedido a nenhuma o direito de ficar em casa, pois essa atitude foi construída socialmente e que não dizia respeito ao verdadeiro ser mulher. É dela a grande máxima: “Mulher não se nasce, torna-se”. Como você colocou, a questão da natureza na obra de Sartre, para ela essa natureza é construída e nunca determinada e, mais do que isso, a natureza feminina foi inventada como modo delas serem oprimidas pelos homens. É nesta época que entra em maior discussão, a questão dos anticoncepcionais como meio de controle de natalidade. Os debates sobre eles vão continuar até maio de 68, onde as mulheres conseguem oficialmente o direito de serem inseridas neste universo sexual livre, que tinha sido proibido a elas, mais do que isso, é nesse ano que há um rompimento final com a Igreja Católica, que passa a ser vista como inimiga do movimento feminista após a publicação da encíclica *Humanae Vitae*, que proibia o uso de anticoncepcionais pelas mulheres, indo em completa oposição com o grito das massas. O movimento de maio de 68 foi defendido, por Simone, como sendo uma forma da libertação feminina das amarras criadas para elas pelos

---

<sup>4</sup> Aqui eu explico o porquê eu não gosto dessa dupla e o porquê nutri por eles muitos anos de preconceito. Eu lembro-me de estar na França e conviver um pouco com eles, afinal na época eram grandes nomes nos debates filosóficos. Junto deles descobri uma face meio escondida pelos biógrafos da vida deles. A relação amorosa deles era o que hoje se chama de poli-amor, mas mais do que isso, esse relacionamento aberto era, às vezes, apimentado por algumas jovens menores de idade que Simone convencia a manter relações com Sartre e até mesmo a perderem sua virgindade com ele, que nunca foi conhecido pela sua higiene pessoal e sua beleza. A experiência traumatizou as jovens de tal forma que ao menos uma cometeu suicídio e outras procuravam no vício das drogas ou do álcool maneiras de fugir destes problemas. Depois de descobrir isso afastei-me deles, mas ainda recebia notícias suas sempre por meio de alguns alunos que ficaram próximos a ele. Outra coisa que me marcou muito foi um abaixo assinado pela liberação da pedofilia, lá um aluno meu encontrou a assinatura de ambos, desde então preferi deixá-los de lado.

homens, ao afirmar que elas não deveriam serem incluídas nesta vida de liberdade sexual, permitida somente a eles.

**S.:** Certo, entendi o que você disse e isso me fez lembrar das discussões que conduziram a publicação da *Humanae Vitae*. Até aqui entendi o desenvolvimento do feminismo, você me disse que queria citar mais uma autora dessa segunda onda, quem seria?

**G.:** Betty Friedan, autora de *A mística feminina*, era uma ex-dona-de-casa e continuou a reflexão sobre a questão da mulher no lar afirmando que esta condição é tão perigosa para a mulher como um campo de concentração nazista, uma vez que no seu lar ela se torna escrava dos filhos. Para ela, a vida no lar é insatisfatória e estressante, e que era retirado da mulher o direito de viver uma vida livre fora daquele lugar para criar alguma coisa durável ou útil para a sociedade, sendo assim, a vida no lar não tem utilidade. Com isso, ela faz uma campanha contra a maternidade como meio de libertar a mulher e permitir a ela fazer algo durável para a sociedade. Assim, encerramos o que eu queria dizer sobre a segunda onda e podemos passar para a terceira, se você não tiver nada para dizer.

**S.:** Por mim podemos, se não me engano essa terceira onda é a mais atual certo?

**G.:** Exatamente. A terceira onda é responsável por corrigir lacunas deixadas pelas anteriores. É nessa que temos a inserção de debates que antes eram deixados de lado, como a questão da mulher negra que nunca teve espaço nos debates. A terceira onda feminista afirma que o conceito de feminilidade, discutido por tanto tempo, foi baseado na mulher branca de classe média-alta, logo, durante todo o tempo de discussão feminista, a questão da mulher negra e da mulher pobre foi retirada dos debates e agora esses temas aparecem na terceira onda. Nessa fase, por ser a atual, prefiro não tratar de autoras específicas, mas só das temáticas gerais. Ela é marcada pela luta contra esse tema universal que se chama mulher, influenciada pela máxima de Simone de Beauvoir, do ser mulher como construção e não determinação. As feministas atuais buscam a desconstrução desse universal que se criou na sociedade como sendo o ser mulher, e mais que isso, desconstruir a feminilidade como algo pré-definido. Para este debate o termo gênero aparece como sendo um grande auxílio, mas também continuam os debates acerca da liberdade sexual da mulher e seu direito de ser inserida na sociedade da forma como ela quiser e sem diferenciação por ser mulher, principalmente no que diz respeito aos salários. Para concluir, os debates feministas foram passando por modificações ao longo da história, porém nunca deixaram pauta nenhuma para trás, ainda hoje continua-se o debate sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, só que agora soma-se a luta por salários igualitários. Assim, pode ser colocada a luta feminista na história, como uma forma de ir atrás dos direitos de igualdade, mas sempre se abrindo a novas realidades que aparecem como forma de negação dessa igualdade devida.

**S.:** Assim poderíamos então encerrar nossa breve história do feminismo?

**G.:** Creio que sim!

**S.:** Agora, com minha visão esclarecida, gostaria de tratar alguns temas que acho que podem contribuir com isso tudo que você me disse. Gostei muito do que me falou agora no final, esse dinamismo do feminismo, que se apresenta como um ponto de adaptação às diversas circunstâncias da vida da mulher e seus desafios no tempo presente. Para isso, queria dar o nosso último passo no diálogo, para tentar contribuir um pouco, a partir da minha experiência acumulada ao longo desses anos, para apresentar um caminho para esta igualdade tão querida pelo feminismo.

## Quarto Bloco: *As relações interpessoais como caminho para igualdade*

**S.:** Bom agora se me permitir queria colocar alguns pontos em cima do que você me disse. A primeira afirmação foi algo que aprendi com um cara que conheci esse ano e que já citei anteriormente, Christopher West, que ao falar sobre o movimento de libertação das mulheres retrata que ela deve libertar-se desta dominação que se percebe na história, mas se ela busca essa libertação através do sexo livre ela acaba por alimentar a tendência dos homens de tratá-las não como pessoas a serem amadas, mas como coisas a serem usadas para a satisfação própria e depois descartadas. Esse pensamento estava presente em algumas das primeiras feministas que reconheciam a degradação que seria causada às mulheres pela liberação sexual e a entrega a satisfação dos prazeres sem nenhuma consequência, mas em oposição às antecessoras, as feministas modernas reivindicam o sexo livre como sendo a verdadeira libertação das mulheres. A libertação sexual que deveria trazer a liberdade das mulheres, continua Christopher, ao invés disso, as torna *gueixas*, ou espécies de garotas de programa, que colocam em risco sua saúde para estarem disponíveis a qualquer momento para um sexo sem sentido. É a partir dessa reflexão que eu quero trabalhar este nosso último ponto. É necessário que haja uma libertação das mulheres da submissão a que foram impostas, mas quando se procura isso via revolução sexual, algo dá errado, pois, o que era para ser considerada a causa da liberdade da submissão das mulheres acaba as tornando ainda mais objetos que serão descartados.

**G.:** Até aqui estou entendendo, se tiver mais algo a falar peço que continue.

**S.:** Esse grito em nome da liberdade vai conduzir a uma crise que Luiz Felipe Pondé chama de a crise do *Keeper*, aquele cara virtuoso que busca fazer a felicidade da mulher e respeitá-la como pessoa humana, este cara é o único afetado pelos gritos de liberdade sexual. Já o famoso pegador, que não se importa com a pessoa, mas só com o quanto ele consegue “gozar” em uma noite, e que é o principal responsável por garantir, ainda hoje, que a igualdade da mulher seja algo que não importa, por tratá-las somente como um objeto de seu prazer, este se vê beneficiado, esta, para mim, é a verdadeira masculinidade tóxica.

**G.:** Termo interessante e, sua análise, ainda mais. Por favor continue!

**S.:** O caminho para reconhecer a verdadeira igualdade da mulher e sua dignidade passa por uma consideração dela como uma pessoa humana, íntegra e total, e por ser dessa forma merece todo respeito. Adicionado esse conceito básico ao feminismo moderno, temos um edifício que se constrói de forma mais perfeita e rejeita os problemas colocados pelo antigo. A visão integral da pessoa somada a uma rejeição da revolução sexual, como forma de objetificar mais ainda as mulheres, para mim apresenta-se como a chave para a última mudança, depois de tantas ao longo da história, que vai conduzir esta doutrina, que é válida enquanto busca conseguir a igualdade, que a dignidade do ser pessoa humana pede, entre homens e mulheres. Mas essa mudança, quando acontecer, será de tal modo drástica que o novo produto estará tão distante da antiga doutrina que teremos uma transformação substancial, o ponto de partida não será mais a oposição entre homem e mulher na história, mas aquilo que os une, ou seja o ser pessoa humana. E para chegar a esse ponto, faz-se necessário tratar as verdadeiras relações interpessoais, com todo o peso que este termo traz consigo. Peço perdão pelo tanto que falei

agora, mas este é o resumo de toda a minha visão atual, principalmente depois do que você me mostrou sobre a história do feminismo.

**G.:** É, você se empolgou um pouco mesmo, mas vejo nessa sua fala agora um primeiro detalhe que queria entender melhor, a questão da relação interpessoal, acho que seria um bom ponto de partida.

**S.:** Claro, começemos por ela então, para tratar melhor desse tema tenho que colocar uma coisa: por relação interpessoal entendemos a relação entre duas pessoas humanas certo?

**G.:** Perfeitamente. Mas o porquê da pergunta?

**S.:** Sei que parece algo claro, mas isso precisa ser colocado para fazer mais sentido, vou explicar. Já citei para você o Buber e seu conceito de dialógico, logo no começo da nossa conversa, ele me ajudou a entender muita coisa. Este outro, Gustavo Corção, é um autor brasileiro, com quem tive a oportunidade de trocar algumas xícaras de café no século passado e acompanhar bem o processo de conversação filosófica dele, pois os dois tratam um pouco dessa relação da qual quero falar agora para você. Primeiro o Buber, ao tratar a relação eu-tu verdadeira, que é chamada de dialógica, ele fala que o outro da minha relação tem que estar sempre presente, mas isso nem sempre acontece<sup>5</sup>. Ele é muito categórico ao afirmar que conhece pessoas que trabalham em atividades sociais, mas que nunca tiveram um diálogo de pessoa para pessoa. Muitas vezes, podemos conversar com alguém com um objetivo muito simples, solucionar um problema, ou até mesmo com uma intenção boa de ajudar alguém que passa por uma situação de dificuldade. Nessas situações é muito fácil esquecer que tratamos uma pessoa ali, uma pessoa total. É meio que automático a reduzirmos a uma simples situação, ou colocá-la como um simples meio de nossa ação, mesmo que de forma indireta.

**G.:** Como assim?

**S.:** Bem simples de exemplificar. Vamos colocar uma situação mais fácil de vermos esse processo que Buber chama de monológico. Você precisa pegar em um cartório a sua certidão de nascimento que foi perdida, chegando lá um atendente vai até você e te pergunta seu nome, mas nesse caso ele não quer saber quem é você de verdade, só precisa buscar uma informação em um banco de dados. Lá não há personalidades conversando, não há um ir-para-o-outro, a única coisa que importa é uma certidão de nascimento, as pessoas envolvidas nesse processo são deixadas de lado. Afinal, não seria muito mais fácil que o atendente fosse um computador, creio que seria bem mais rápido.

**G.:** Agora com esse exemplo ficou mais fácil de entender. Então você está afirmando que as vezes esquecemos que estamos nos relacionando com pessoas?

**S.:** Sim, e isso acontece de uma forma muito mais comum do que imaginamos, até mesmo em um diálogo como o nosso pode acontecer. Se eu só me preocupo com o que vou falar e esqueço que tudo o que estou falando, falo a uma pessoa, fecho-me e esqueço completamente que há alguém diante de mim, mas, mais do que alguém diante de mim, este é uma pessoa como eu. C. S. Lewis tem uma visão muito interessante sobre isso. Em um texto chamado *O peso da Glória*, o autor afirma que seria algo assustador se a todo momento lembrássemos que todos os que passam diante de mim e, até aquele vizinho chato que temos, é uma pessoa igual a mim, com a mesma dignidade, e ainda puxa um pouco para o lado dele, como bom anglicano que é ele afirma, já pensou que aquela pessoa chata também é chamada a ir para o céu, como você? Essa pergunta resume bem aquilo que olhar a pessoa sempre em sua dignidade causa em nós.

---

<sup>5</sup> No dia achei melhor não abrir muito o horizonte e focar-me somente na relação interpessoal, mas para Buber essa relação eu-tu não precisa ser obrigatoriamente entre duas pessoas, mas este tu da relação dialógica pode ser um objeto ou uma situação, qualquer coisa que se apresente a mim.

Todos, devido à sua natureza de pessoa humana que já tratamos acima, merecem um respeito impar diante de sua dignidade.

**G.:** Este olhar seria então a chave para o começo de uma relação interpessoal?

**S.:** Exatamente, quanto mais vemos o outro como sendo uma pessoa humana, mais deixamos esse termo causar em nós a admiração que lhe é própria, mais eu me dirijo àquela pessoa como um fim em si mesma e mais ela se apresenta a mim em meu diálogo. Aqui entra o resumo da ação dialógica de Buber “dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro; devem, portanto, - e não importa com que medida de atividade ou mesmo de consciência de atividade – ter-se voltado um-para-o-outro”.

**G.:** Pois quando me volto ao outro e olho bem para ele, encontro nele essa natureza pessoa que você me falou, certo?

**S.:** Perfeitamente, mas, mais do que isso. Gustavo Corção nos ensina que esse olhar nos leva a reconhecer o outro como um espetáculo. Já pensou que aquele que está diante de você traz consigo sonhos a serem realizados, desejos, traumas, felicidades... quando olhamos assim a pessoa humana ela se apresenta como um grande espetáculo, e digo mais, se pudéssemos ver da visão dela a sua vida, essa visão seria o maior espetáculo, a melhor novela, o melhor filme, ou o melhor livro. Posso dizer que nem todas as árvores do mundo seriam o suficiente para descreverem perfeitamente o que acontece na vida de uma única pessoa humana e, se fosse possível, essa história seria mais interessante que todas as investigações policiais, mais apaixonante que todos os romances, mais aterrorizante que todos os filmes de terror, mais triste que todos os grandes dramas e mais engraçada que todas as comédias. Assim, é a vida de uma pessoa humana, mas o mais interessante é que nunca vamos compreender perfeitamente isso que nos é apresentado.

**G.:** Uma relação interpessoal então começaria no momento que eu começasse a ter noção de tudo isso que você me falou?

**S.:** Sim, e quanto mais consciência eu tiver disso tudo, mais interpessoal será minha relação. É aqui que começa a verdadeira raiz de igualdade. Sou muito fã da história do tenente Lino, que o Corção conta. Ele conseguiu ver, em um ambiente burocrático, um cartório militar, que ali estava uma pessoa diante dele, tudo isso por causa de uma coroa má posta no seu dente. Lembro dele me dizer em um dia que tomávamos café “Na boca escancarada do tenente Lino não vi a apoteose da burocracia; vi apenas uma coroa mal posta, um dente que ele iria chupar no compasso da aflição, que a noite seria comentado em casa, mostrado a esposa como fora a mim, assim mesmo, com o dedo fincado a esticar as carnes magras”. Esse olhar leva a uma outra relação com a pessoa, entender que ela é como você quase que te obriga a tratá-la como o ser pessoa humana exige. Isso é o que o Buber chama de responsabilidade de responder ao que me é apresentado e é a partir desta resposta dada que se começa a verdadeira relação dialógica.

**G.:** Então você está me dizendo que a relação interpessoal começa no momento que há essa resposta ao que é apresentado a mim, certo? Se assim for, essa resposta seria automática?

**S.:** Isso mesmo. Quando eu respondo a essa pessoa que se apresenta a mim, começa esse diálogo interpessoal. O problema é que essa resposta não é automática, se assim fosse tudo seria mais fácil. Para que haja essa resposta, eu preciso começar uma busca que o Corção intitula como sendo a descoberta do outro, descobrir o outro como um alguém diferente de mim, como um tu. Para que isso aconteça, o primeiro movimento é uma abertura do meu ser ao que possa vir a se apresentar, uma abertura à alteridade, e não um fechamento egocêntrico, ou até mesmo uma abertura narcisista, da qual já tratei anteriormente, onde me abro ao outro somente enquanto pode me dar algo que busco. Quando se há essa primeira abertura, um diálogo

interpessoal pode começar. Mas isso não quer dizer que essa abertura seja a única coisa necessária, pois, mesmo depois de abrir-me a essa alteridade, posso fechar-me por medo de criar laços com aquele que se apresenta a mim. Como eu disse, eu me torno responsável pelo que se apresenta a mim em um diálogo interpessoal, mas às vezes essa responsabilidade assusta. É como no caso da raposa e do pequeno príncipe. Entre eles há, em um primeiro momento, um medo por parte dela de ser cativada pelo pequeno príncipe, pois ela sabe que se isso acontecer ele será único para ela e, conseqüentemente, fará falta quando for embora.

**G.:** Essa relação interpessoal conduz então a uma certa dependência?

**S.:** Não dependência, mas a uma atualização do que se é. Posso falar que quando há essa relação entre duas pessoas, ambas saem dali diferentes, não totalmente, mas algo nelas já não é a mesma coisa, pois essa relação sempre me apresenta algo de novo. Aquela pessoa me faz alguém melhor e isso me deixa feliz e eu vou em um sentido contrário dessa dependência, pois, eu sei que, diante de tudo que foi apresentado nesta relação, ela é uma pessoa livre e, se eu tento colocá-la como sendo dependente de mim, não houve relação interpessoal verdadeira.

**G.:** Então essa relação seria necessária para a pessoa humana?

**S.:** Alguns chegam a afirmar que a pessoa só é pessoa por poder se relacionar com o outro, e o Corção afirma que, a partir do momento que eu reconheço o outro, eu posso afirmar que existe um eu, é só na relação com o outro que aparece o eu-tu e tudo para de ser somente uma coisa em comum, pois há diferenciações, ele não pode ser uma simples expressão do meu ser,

**G.:** Certo, acho que entendi bem, mas agora como se dá essa relação interpessoal entre um homem e uma mulher?

**S.:** Aqui entra a parte interessante. Gosto muito de pensar sobre isso, pois entre eles há uma relação interpessoal normal em um primeiro momento. É um eu em relação a um tu, duas pessoas humanas que se apresentam uma a outra, mas o detalhe interessante é que, quando se olham, logo percebem que, mesmo que ambos sejam pessoas humanas, há entre eles uma grande diferenciação, dois homens ou duas mulheres conseguem encontrar para si vários assuntos em comum, mesmos anseios, mesmas tendências, há uma compatibilidade maior quando se relaciona com algum semelhante mais semelhante, mas no caso do relacionamento homem-mulher tem-se uma diferenciação que impede que haja uma compatibilidade entre eles. Chesterton afirma que um casal pode ser feliz, mas nunca compatível.

**G.:** Calma, espera... deixa eu ver se entendi! Você está me dizendo que há uma diferenciação entre homem e mulher? Onde ficaria então essa raiz de igualdade que você tanto defende?

**S.:** Como eu esperei você me fazer essa pergunta. Se me permitir, posso te mostrar como pode-se conciliar a raiz de igualdade, ou o ser pessoa humana, com a diferenciação dos sexos.

**G.:** Eu gostaria muito de saber sua visão sobre isso, por favor continue.

**S.:** Certo. Primeira coisa. Durante toda a história e em todas as culturas sempre houve uma divisão entre os princípios masculinos e feminino, como opostos ou complementares, mas é certo que sempre houve uma divisão. Essa divisão ocasionou uma diferenciação de funções. Anna Caroline Campagnolo é muito incisiva ao afirmar que mesmo depois da segunda e terceira onda feminista e toda luta contra essa natureza da mulher, como sendo algo construído socialmente, há, ainda, na sociedade uma diferenciação visível das tendências. Sir Roger Scruton afirma que eles “se diferem na sua aparência física e nas suas capacidades corporais, se desenvolvem em ritmos diferentes e parecem possuir aptidões intelectuais diferentes”. Em um primeiro momento, essa diferença é visível, corporalmente e geneticamente, no nível mais básico da pessoa humana já há uma diferenciação entre o masculino e o feminino. Se

observarmos os comportamentos, até na área da conquista homem e mulher também se diferem, como o mesmo Sir Roger Scruton afirma em sua obra *Desejo Sexual*.

**G.:** Certo, então agora voltamos ao grande problema da determinação que esta natureza causa. Você está me dizendo que enquanto pessoas humanas somos livres para agir, mas, uma vez determinadas pela corporeidade, acabamos sendo determinados a ter algumas características?

**S.:** Aqui encontramos o mesmo problema, mas para explicá-lo, preciso falar de uma outra coisa. A pessoa humana não existe em si, nunca encontramos uma pessoa humana indeterminada sem a natureza sexual anexada a ela, o que existe são pessoas humanas do sexo masculino e pessoas humanas do sexo feminino, nada a mais do que isso. Isso se dá, pois, no momento que a pessoa humana começa a existir, no ato da fecundação do óvulo, aquele zigoto formado já é um ser sexuado e todo desenvolvimento se dá baseado nesta base que está lá desde o princípio. Até mesmo o princípio espiritual é ligado a esse ser homem e ser mulher. A antropologia personalista nos mostra que a pessoa humana é uma unidade em si mesmo, logo, não pode haver uma oposição entre aquilo que se apresenta corporalmente e o espírito, por isso pode-se dizer, em certo sentido, que até o espírito humano é sexual. Se pensarmos unicamente na mente enquanto fruto das atividades cerebrais, essa também é influenciada pelo ser sexual da pessoa humana, uma vez que o cérebro surge das mesmas células definidas, como dito antes, desde a sua fecundação, pelo princípio masculino ou feminino. Depois de explicar isso posso responder a sua pergunta. Enquanto o ser pessoa humana só se dá como masculino ou feminino, toda a liberdade de ação que existe, da qual já tratamos antes, continua valendo. Ser homem ou ser mulher não definem o modo de ação da pessoa humana, mas cada um possui uma base de ação que é fruto de características próprias, de cada um deles que funcionam como aquele solo de onde uma planta retira seus nutrientes.

**G.:** O ser pessoa humana seria, então, essa raiz de igualdade, pois, estaria presente nos dois, mas esse ser pessoa humana não existe de modo puro, mas só enquanto ser pessoa humana do sexo masculino e ser pessoa humana do sexo feminino, certo?

**S.:** Isso mesmo. Para evidenciar um pouco mais essa diferenciação, posso dar alguns exemplos. O primeiro, e mais simples dele, é a maternidade. Devido à mulher ser esta fonte geradora de vida, ela possui aspectos psicológicos que são necessários para que ela possa gerar e cuidar desta vida que sai dela. Um exemplo concreto é o maior número de mulheres em cursos e profissões que tratam direto do cuidado das pessoas e o homem, devido a não estar dependente do cuidado direto da prole, é responsável por garantir aquela parte que exige mais o sair de perto da prole e o uso da força, como por exemplo a caça. Mas uma coisa é certa, todas as divisões e diversificações existentes entre o ser homem e o ser mulher visam, unicamente, a geração da prole.

**G.:** Então essas diferenças seriam para evidenciar a diferenciação no ato da reprodução?

**S.:** Justamente. O ser homem e o ser mulher visam unicamente essa complementariedade, essa é a palavra mais certa a ser usada. Quando nos abrimos à visão da antropologia pessoal mais completa, uma análise dos fatos, durante a história, nos mostra que essas características, que podem ser atribuídas como sendo mais próprias de um sexo que de outro, sempre evidenciam a complementariedade necessária ao homem.

**G.:** Então é natural da pessoa humana buscar essa complementação no diferente?

**S.:** Sim. Na visão personalista, a pessoa humana é um ser relacional, que busca o diferente para se relacionar, sendo assim, as relações homem-mulher seriam uma forma desta complementação em busca de uma unidade.

**G.:** Certo, Sócrates, entendi. O ser homem e o ser mulher poderiam ser, então, colocados como modos de ser pessoa humana, pois, essa não existe por si mesma, mas somente enquanto determinada pelo ser homem, ou pelo ser mulher, e esses modos de ser apresentariam características que lhes seriam próprias. Essas características, por sua vez, estariam uma diante da outra como modo de complementação, pois é natural da pessoa humana se abrir ao diferente.

**S.:** Isso mesmo. Diante dessa visão que te apresentei agora, queria colocar um problema. Sir Roger Scruton afirmou que estamos sendo conduzidos a um feminismo kantiano, onde só o que existe seria essa natureza indefinida sexualmente, não haveria uma unidade entre a matéria e a forma, se formos falar em termos clássicos, ou simplesmente o que existiria na realidade é algum ser pessoa humana puro e indefinido sexualmente. Devido a essa influência tem acontecido, atualmente, um combate contra aquilo que podemos chamar de feminilidade e a masculinidade, esses dois princípios vêm sendo negados e combatidos. Mas, aqui, quero deter-me somente na masculinidade, pois disso posso falar com propriedade, enquanto sou um homem.

**G.:** Certo, fiquemos somente neste combate à masculinidade então como você disse, mas te peço, me explique melhor sobre isso.

**S.:** Claro. Aqui sei que vou ser um pouco polêmico, mas, acho que o atual estágio que estamos em nosso diálogo já nos permite isso. Eu tenho um grande problema com o termo machismo, prometo te explicar o motivo, mas antes, por favor, diga-me o que seria esse termo.

**G.:** Partindo de tudo o que falamos sobre o movimento do feminismo, machismo seria toda atitude que impediria essa igualdade entre o homem e a mulher. Não é uma atitude somente do homem, mas de qualquer pessoa, até mesmo de mulheres para outras mulheres. Isso é sempre marcado por um certo preconceito com a mulher como, por exemplo, a tradicional expressão “lugar de mulher é na cozinha”. A partir dessa descrição do que é o machismo não consigo entender o porquê você não concorda com esse termo, se ele é extremamente necessário para reduzir essas atitudes de desvalorização da mulher.

**S.:** Perfeito, eu concordo plenamente com essa descrição, e se o termo fosse somente isso eu estaria completamente de acordo com ele, mas esse termo é como uma carta coringa, é uma palavra que foi esvaziada de seu sentido e agora eu posso usar ela em qualquer situação. Por exemplo, se eu afirmo “é da natureza da mulher ser mãe”.

**G.:** Machismo, da sua parte. A mulher pode escolher ser mãe, ela não é determinada por isso, essa visão é muito clássica e mostra muito a subversão das mulheres, não é porque eu sou mulher que eu tenho que ser mãe.

**S.:** Pronto, está aí. Te apresento a carta mágica do feminismo, é tipo uma carta virada para baixo, que quando você está quase perdendo uma discussão ela é usada e garante que qualquer pessoa que seja acusada de machista automaticamente seja culpado por todos os males que uma mulher sofre, é quase a mesma coisa de atirar em uma mulher ou proibir ela de trabalhar.

**G.:** Onde você que chegar com essa argumentação? Daqui a pouco você vai afirmar que o machismo não existe. Só me falta essa!

**S.:** Jamais afirmaria isso, mas não posso deixar de fazer uma crítica a este termo como ele está sendo utilizado hoje. Como eu disse anteriormente, esse termo foi esvaziado de seu significante, ele não se refere a nada mais concreto e, conseqüentemente, o seu significado foi alargado e generalizado para que possa valer para qualquer significante que eu quiser, tudo o que sobrou

intacto foi o signo<sup>6</sup>, a palavra que se tornou verdadeiramente uma *Flatus vocis*, uma palavra jogada ao vento sem referencial, sem sentido nenhum.

**G.:** O que você quer dizer com isso, ainda estou achando que a qualquer momento você vai afirmar que o machismo não existe.

**S.:** Vou ser agora bem claro então. O termo machismo existe quando entendido da forma que me definiu ele, como sendo uma ação que impede a igualdade entre o homem e a mulher. Realmente existem expressões, como você mesmo afirmou, que transmitem uma inferioridade da mulher, mas o machismo, cada vez mais, vem sendo utilizado para combater qualquer coisa que possa ser identificada como masculinidade, por exemplo, se eu vou carregar uma caixa pesada e na roda de conversa eu tenho cinco homens e três mulheres e eu falo “rapazes me ajudem a carregar aquela caixa pesada ali”, posso ser acusado de ser machista pelas mulheres presentes naquela roda, mas essa ação, em si, não é machista, ela parte de uma atitude de reconhecimento que o homem possui uma força física maior que as mulheres devido a sua constituição física e até mesmo genética.

**G.:** Mas neste caso é uma atitude que diz que a mulher sempre é mais fraca que o homem e por isso é uma atitude que revela um preconceito.

**S.:** Aqui está o detalhe, não é uma afirmação que a mulher é mais fraca do que o homem e que ela nunca vai poder fazer serviços pesados, mas, sim, uma constatação objetiva, partindo de dados da realidade que, na maioria dos casos, os homens são mais fortes que as mulheres devido a características próprias do seu ser homem, como por exemplo as maiores doses de testosterona no organismo. A mesma coisa acontece com a afirmação da mulher possuir na sua natureza o ser mãe, pois é uma constatação objetiva através da biologia da mulher. O organismo dela funciona sempre em vista de uma possível gravidez e isso não pode ser negado, é algo observado, mas uma vez repito, isso não quer dizer que a pessoa seja determinada por essa constituição íntima do seu modo de ser, pois ela possui liberdade para construir sua história, mas sempre partindo daquela base que é o ser pessoa humana do sexo masculino, ou ser pessoa humana do sexo feminino.

**G.:** Certo, voltamos ao poder se autodeterminar que é característica da pessoa, mas como fica a questão da atitude do machismo neste caso?

**S.:** Antes de falar sobre a questão do machismo queria tratar sobre a autodeterminação que você falou. Lucas Lucas, um autor de um manual de antropologia muito bom, uma vez conversava comigo e nós tratávamos sobre a questão da liberdade humana e ele a definiu muito bem. A liberdade seria uma autopossessão, e uma autodeterminação. Já explico! A liberdade começa no momento em que sei o que sou e por saber eu me possuo, posso falar para mim mesmo, faça isso e não aquilo. A partir desse primeiro momento, em que eu posso falar para mim mesmo o que fazer, sem constrição externa me determino a fazer algo, isso é a liberdade. Lucas Lucas opõem isso a uma ontodeterminação, que seria a capacidade de determinar até o que eu sou na minha essência mais íntima e, como vimos, isso não pode acontecer.

**G.:** Entendi a diferença, agora voltemos ao tema do machismo.

---

<sup>6</sup> Aqui tenho que reconhecer que, no dia, eu me empolguei um pouco e comecei a tratar de filosofia da linguagem de uma forma bem aleatória. Mas explico agora o que quis dizer. Eu fiz referência ao triângulo semiótico, que trata sobre as palavras e toda sua carga. Cada vértice do triângulo é um ponto que integra um signo qualquer, ou uma palavra. Primeiro temos o significante: ou o objeto que aquela palavra se refere, segundo é o significado: ou o conceito que expressa aquele objeto, por fim o signo, a forma de expressar os anteriores, seja visualmente ou através da fala. Um exemplo é a cadeira: cadeira é o signo usado para expressar um significante que foi visto em um determinado local e que carrega consigo o significado de móvel feito para sentar com 4 pernas e um encosto (uma explicação bem básica).

**S.:** Essa atitude existe e deve ser combatida, mas para isso devemos fazer uma diferenciação entre o homem e o “macho”. Para mim há uma grande diferença entre os dois e todo problema da objetificação da mulher está em querer tornar os homens em “machos”.

**G.:** Por favor explique-me o que seria esse macho.

**S.:** O macho seria o cara que foi ensinado que há uma necessidade de afirmar constantemente sua masculinidade, que se resume somente à capacidade de fazer sexo. Sou homem enquanto sou capaz de conseguir sexo, aqui volto ao problema da castidade masculina, esse macho não estaria “limitado” a viver uma vida virtuosa, mas somente a afirmar sua masculinidade, e quem for diferente dele é matéria de piadas pejorativas, seria algo como “olha aquele cara ali, ele não é macho como eu sou”, isso reduz o homem a uma disputa puramente animal, onde tenho que afirmar sempre que sou o mais forte para ser considerado o macho alfa.

**G.:** Essa seria o que você considera como a verdadeira masculinidade tóxica então?

**S.:** Isso mesmo. Em sentido contrário o homem se reconhece como sendo uma pessoa humana, procura uma vida virtuosa e não se preocupa com uma afirmação falha de sua masculinidade. Ele reconhece a presença dos sentimentos como algo natural da pessoa humana, entende que a vida não se resume a uma disputa para ver quem afirma ser o macho alfa. Uma sociedade será mais igualitária quanto menos machos e mais homens existirem nela, pois os homens entendem que há uma corresponsabilidade na relação homem-mulher.

**G.:** Corresponsabilidade? Que termo interessante, o que seria?

**S.:** Esse termo acho que pode ser minha resposta para tudo e o cume de todo meu pensamento, para isso vou usar mais duas músicas que conheci nessas minhas andanças. Mas para explicar preciso voltar a vários pontos, o primeiro é a questão do amor como verdadeira forma de tratar a pessoa; segundo, a questão das relações interpessoais e, por último; à questão das diferenças entre o masculino e o feminino, esses são pontos necessários para entendermos a corresponsabilidade. Por fim, queria colocar tudo isso em um mesmo lugar, numa mesa de jantar, um exemplo básico.

**G.:** Nossa Sócrates, isso parece confuso, mas quero ver onde tudo isso vai dar. Quais são as músicas?

**S.:** Só falo que elas não têm relação aparente nenhuma, mas prometo que vai fazer sentido. A primeira é *Canção infantil* de um tal de Cezar Mc, a segunda *Utopia* do famoso Padre Zezinho. Eu tenho anotado aqui algumas partes das letras delas, faz tempo que venho pensando nesse termo de corresponsabilidade. A primeira diz assim:

*Era uma casa não muito engraçada  
Por falta de afeto, não tinha nada  
Até tinha teto, piscina, arquiteto  
Só não deu pra comprar aquilo que faltava  
Bem estruturada, às vezes lotada  
Mas memo lotada, uma solidão  
Dizia o poeta, o que é feito de ego  
Na rua dos tolos gera frustração[...]*

*Yeah, havia outra casa, canto da quebrada  
Sem rua asfaltada, fora do padrão  
Eternit furada, pequena, apertada*

*Mas se for colar tem água pro feijão  
Se o Mengão jogar, pode até parcelar  
Vai ter carne, cerveja, refri e carvão  
As moeda contada, a luz sempre cortada  
Mas fé não faltava, tinham gratidão[...]*

*Como era doce o sono ali  
Mesmo não tendo a melhor condição  
Todos podiam dormir ali  
Mesmo só tendo um velho colchão*

*Mas era feita com muito amor*

E a segunda é mais ou menos assim:

*Das muitas coisas  
Do meu tempo de criança  
Guardo vivo na lembrança  
O aconchego de meu lar  
No fim da tarde  
Quando tudo se aquietava  
A família se ajeitava  
Lá no alpendre a conversar*

*Meus pais não tinham  
Nem escola, nem dinheiro  
Todo dia, o ano inteiro  
Trabalhavam sem parar*

*Faltava tudo  
Mas a gente nem ligava  
O importante não faltava  
Seu sorriso, seu olhar[...]*

*O sol se punha  
A viola alguém trazia  
Todo mundo então pedia  
Pro papai cantar com a gente  
Desafinado  
Meio rouco e voz cansada  
Ele cantava mil toadas  
Seu olhar ao sol poente*

**G.:** Como você disse aparentemente não tem nenhuma ligação.

**S.:** Vamos então trabalhar aquelas pontas soltas que eu te falei, pois no final prometo que tudo fará sentido. Primeiro a questão do amor como sendo a única forma verdadeira de tratar a pessoa humana. Antes mesmo da relação interpessoal ser concretizada deve haver primeiro esse olhar de reconhecimento do outro como pessoa humana, olhar sem o qual não seria possível uma relação interpessoal, já há neste primeiro momento da relação interpessoal as sementes desse amor. E eu falo uma coisa para você minha cara, se não há amor entre duas pessoas, não pode haver uma relação interpessoal verdadeira, já que, como falei tanto acima, essa relação necessita do reconhecimento do outro como pessoa, e para isso necessita-se que haja um olhar de amor para com ele.

**G.:** Se o amor está nesse primeiro ponto, podemos colocar que ele é o primeiro passo para uma relação de corresponsabilidade?

**S.:** Isso mesmo, sem o amor não pode haver o que chamo de corresponsabilidade. Mas aqui temos que entender o amor em um sentido mais amplo também, gosto muito da divisão de amor que encontrei na obra *Os quatro amores*, mas essa divisão não cabe em nosso atual momento, a única coisa que devemos ter em mente é colocar o amor como sendo o querer o bem para o outro, mas sempre o bem verdadeiro para ele, nunca o que eu acho que é o bem.

**G.:** Certo Sócrates, eu vou aos poucos colocando os pontos que você me fala para ver o que vai se formar no final. Até agora você me disse que é necessário que haja, no começo de uma relação de corresponsabilidade, um ato de amor, fruto do reconhecer o outro como pessoa humana, e esse ato pode se dar de várias formas, mas todas elas têm em comum querer o bem verdadeiro para a outra pessoa.

**S.:** Essa é nossa primeira ação. Vou à pessoa, reconheço ela como tal e a amo, ou seja, quero o bem verdadeiro para ela. Depois dessa primeira ação de amor para com a pessoa humana, que se apresenta a mim, eu começo a conhecê-la melhor, é um espetáculo que está se apresentando a mim, e quanto mais a conheço mais a amo, assim começa a relação interpessoal. Aqui surge nosso segundo ponto. Amo em um primeiro momento o mistério do ser pessoa humana dela, em um segundo momento àquela manifestação única desse ser pessoa humana, afinal ela possui em si essa raiz de igualdade, que se manifesta como sendo homem ou mulher, mas, mais do que isso, agora diante de mim não tenho somente essa teoria toda, mas sim um alguém concreto. É a Gabriela que traz dentro de si toda essa teoria, toda essa igualdade, mas é irrepetível, única, um espetáculo sem igual. Agora não amo somente essa raiz de igualdade, amo esse mistério próprio que é a pessoa humana chamada Gabriela e, por isso, eu quero o bem dessa pessoa concreta que se apresenta a mim, afinal estamos em uma relação, voltados um-para-o-outro, e

conheço não somente de forma superficial essa pessoa humana singular, mas conheço também um pouco do seu mundo interior.

**G.:** Vou à pessoa humana e a amo, ou seja, quero aquilo que é realmente bom para ela, mas esse conceito distante se apresenta a mim como uma pessoa singular e única e, eu conhecendo essa pessoa, entro em uma relação interpessoal, por isso a amo mais ainda.

**S.:** Agora vamos para a relação homem-mulher. O primeiro passo acontece no momento que abro-me ao outro como sendo um semelhante. O segundo, quando procuro conhecer mais a fundo esse semelhante, mas no momento que começo a reconhecê-lo como tal, percebo nele essas diferenças das quais já tratamos. Ele é um semelhante a mim, mas também é um diferente, somos pessoas humanas, mas nossos modos de sermos pessoas humanas são distintos, e isso me atrai, pois, me complementa. Mesmo sendo difícil, em vários momentos, sou chamado a uma união mais íntima com este diferente que aparece a mim. Agora sou chamado a estar-voltado-para-o-outro e, quando isso acontece, percebo que há uma diferença, a corresponsabilidade surge, aqui, como um meio de entender que o outro é diferente de mim e responder a essa diferença fazendo o que está ao meu alcance para levar este diferente a alcançar aquilo que é o bem para ele mesmo.

**G.:** Vou à pessoa humana e a amo, ou seja, quero aquilo que é realmente bom para ela, mas este conceito distante se apresenta a mim como uma pessoa singular e única. Na relação entre o homem e a mulher esse conhecimento passa por uma confrontação do diferente e entender essas diferenças para procurar levar a pessoa humana, a quem me voltei, a alcançar aquilo que é bom verdadeiramente para ela.

**S.:** Isso é corresponsabilidade, eu tenho o costume de chamar isso de “cada um faz o que pode”. Cada um se abre para fazer a outra pessoa feliz e dar a ela tudo o que o ser pessoa humana exige de respeito.

**G.:** Antes de entrar na relação disso que você me disse com as músicas, queria primeiro perguntar sobre a relação disso tudo com o feminismo.

**S.:** Muito simples. Se atribuímos, em todas as nossas relações, às mulheres, toda a carga que essa relação interpessoal traz consigo, se entendo ela como uma pessoa humana concreta, mas possuindo essa raiz de igualdade e também caracteres próprios, não há atitude de desvalorização da mulher por ser mulher que fique de pé, o que resta é uma relação em que se respeita a liberdade própria do ser pessoa humana e que dá a essa pessoa humana o respeito próprio de sua dignidade. Diante desses passos que apresentei não pode sobrar nenhuma visão que desvalorize a pessoa humana e, conseqüentemente, a mulher.

**G.:** Agora eu consegui entender, mas o porquê das músicas e, principalmente, qual o motivo da mesa de jantar?

**S.:** Bem, essas músicas expressam duas realidades em que há a presença dessa relação interpessoal. Seja na casa de Eternit furada, onde todos se reúnem para comer carne e assistir o flamengo jogar, ou na casa do campo, em que se reúnem para conversar ao redor de uma fogueira. Mas antes de tratar esta relação válida, começemos pela *casa não muito engraçada* da primeira música.

**G.:** Essa parte eu achei estranho, pois ela se difere das outras que você citou.

**S.:** Mas há um objetivo nisso. Essa primeira casa apresentada na música *Canção infantil* eu trouxe para refletir sobre o que a ausência do amor nas relações traz. A primeira casa tinha até bastante coisas, mas foi construída em uma cultura do simples fazer por fazer, o que importa nessa primeira casa é somente um ter, sem se ligar para quem tem aquilo. A solidão é a

característica de uma ausência de relação interpessoal, não acho um tu como diferente para complementar minha realidade. O anseio de relação presente na pessoa humana não é atualizado, fica como que jogado de lado, a única coisa que sobra desta relação é uma frustração por não poder atualizar o meu ser.

**G.:** Então a primeira casa seria o exemplo de uma relação que não pode ser definida como sendo interpessoal.

**S.:** Perfeitamente, ali há algum tipo de relação, mas nunca uma relação interpessoal, pois, essa nos leva a uma união.

**G.:** Entendi.

**S.:** O que eu quero ressaltar de comum são duas situações em que são demonstradas essa união, fruto de uma relação interpessoal. O mais interessante é que elas são como que um resumo de tudo o que eu te falei, não importa a situação em que as pessoas se encontram, há sempre oportunidades para realizar essa relação. Em ambas as músicas são apresentadas realidades adversas para que haja essa relação, mas, mesmo em meio a essas situações, é possível reconhecer o outro como pessoa humana, porém, esse reconhecimento sempre parte de uma abertura através de uma situação favorável, não importa qual, deve-se haver uma situação que se permita esse olhar ao outro e o começo de uma relação.

**G.:** Essa seria então a importância das músicas. E a mesa de jantar?

**S.:** A mesa de jantar eu coloco como sendo o local de encontro com o outro. Ela estaria ligada ao ritual da relação interpessoal, se é que podemos colocar assim. Um ritual que se começa em um local apropriado para ele e com as circunstâncias favoráveis, na mesa estão todos reunidos e frente a frente, neste local tão comum, então, temos todas as circunstâncias necessárias para que haja essa relação interpessoal. E mais que isso, Corção afirma que o partir do pão nos mostra o outro como sendo um como nós, nos revela a objetividade daquele que está sentado à nossa frente, e esse revelar a objetividade nos mostra a raiz de igualdade presente naquela pessoa, portanto, pode-se ter início todo o processo que te apresentei. Mas uma coisa é certa, ao partir o pão reconhecemos quem está diante de nós.

**G.:** Então, segundo você, essa relação interpessoal, verdadeiro fruto de um olhar de amor para com a realidade da pessoa humana, conduziria a um respeito e a uma união, como estão expressos nas músicas apresentadas, que eliminaria todo esse preconceito para com as mulheres?

**S.:** Justamente. Esse olhar diferente à pessoa humana, em sua realidade íntima e que exige respeito, que eu chamo comumente de olhar personalista, conduz a um respeito muito maior do que leis que somos obrigados a respeitar, pois aqui o respeito para com o diferente é fruto de algo interior e não de constrictões externas.

**G.:** Sendo assim, seria um caminho para alcançar os direitos das mulheres estimular esse olhar personalista que conduz a uma corresponsabilidade.

**S.:** Por isso a única conclusão lógica de tudo isso é a de que precisamos, cada vez menos, de feministas e mais de pessoas com este olhar personalista responsável por reconhecer a beleza presente nas pessoas humanas e nos conduzir a um reto relacionamento com elas.

## *Sócrates sozinho em seu quarto novamente*

Acabou! Depois dessa minha última fala ficamos em silêncio, não sei ao certo por quanto tempo. Já era tarde, nem sabíamos que horas eram, mas já tinha passado do horário do almoço, sei disso, pois lembro-me da fome que sentia naquele momento. Olhávamos para o horizonte, muita coisa tinha acontecido desde o momento em que a indaguei sobre a história da camiseta que vestia.

Lembro-me muito bem, a frase, que rompeu o silêncio naquele momento, veio dela, que com o olhar ainda no horizonte disse “estou com fome”... era a sentença de morte do nosso diálogo, eu sabia que nada continuaria como tinha sido até ali, mas eu estava feliz, havia sido um bom diálogo e ela também estava, tenho certeza, os olhos dela me contavam.

Ficamos mais um tempo em silêncio!

Assim, disse que conhecia um bom restaurante ali perto e, se ela quisesse, poderíamos ir até lá, e fomos, almoçamos e rimos bastante. Falamos sobre todas as coisas, mas ao mesmo tempo não falamos sobre nada. Ali, naquela mesa, já éramos como dois amigos. Por fim, nos despedimos e trocamos nossos números de celular, tinha ganhado mais uma amiga. Hoje não sei por onde ela anda, às vezes, manda-me mensagens perguntando-me como estou, ou eu mando perguntando como ela está.

Concluo agora, meu caro e paciente leitor, falando só mais uma coisa: não sei de que forma a minha amiga Gabriela reagiu ao que aconteceu naquele dia, não sei se ela entendeu perfeitamente minha visão sobre o feminismo, não sei se ela entendeu a corresponsabilidade como eu gostaria que tivesse entendido, o que sei é que depois daquele dia ela não foi mais a mesma, pois eu não fui mais o mesmo, e a forma com que ficou marcado aquele dia e tudo o que aprendemos juntos, fez-me entender e ver o feminismo de uma forma diferente.

Hoje, sei que essa doutrina, que por tanto tempo rejeitei, é a única resposta para muitas mulheres conseguirem seus direitos e, principalmente, o respeito. Mas, sei também que muito mais podemos aprender com um olhar que reconhece o mistério que é a pessoa humana. O que isso vai mudar no mundo, possivelmente nada, ainda são poucos que têm esse verdadeiro olhar. Diante disso tudo, só posso dizer uma coisa: tenho certeza que quando muitos entenderem isso que disse para a Gabriela o mundo não será mais o mesmo, já que esse olhar não muda somente nossa forma de ver uma mulher, mas muda a nossa forma de ver o mundo. O mundo sob este olhar personalista se torna outro. Aqui chega ao fim minha parte.

## *Últimas considerações*

Retornei! Sócrates falou muito já, mas agora preciso falar um pouco também. Pensei que não iria falar mais com você, caro leitor, mas preciso deixar aqui as minhas conclusões sobre o que foi tratado.

Bom, quando comecei a pensar neste trabalho, vi-me em um dilema. Eu precisava ser um feminista, afinal todas às vezes que alguém se assume contra essa doutrina, torna-se o carrasco das mulheres. Parece que, ao falar que se é contra o feminismo, você pega um pedaço de pau e começa a bater em todas as mulheres do mundo. A cada mulher que é assassinada, a cada mulher que sofre assédio no seu emprego, a cada mulher que está ganhando menos, ou sendo mandada embora por estar grávida, parece que você se torna o culpado por isso, é como e olhassem dizendo: “É por isso que precisamos do feminismo!”.

Ressalta-se, aqui, que quando você se coloca contra o feminismo, rapidamente o definem como machista. E se tem uma coisa que eu tenho certeza é que ser machista é ruim (aqui entende-se machismo em seu sentido primordial da palavra e não como essa carta branca, esvaziada se seu significado como se é usado hoje), e eu só tinha uma certeza, eu não queria ser uma pessoa má e, se me colocando contra o feminismo eu me tornava o vilão da história, logo, a única saída era aderir a ele. Por causa desse dilema propus-me a estudar o feminismo, e quando comecei a estudá-lo vi que não tinha como concordar com o que era defendido.

Por um tempo, tentei fazer uma distinção entre uma parte boa e uma parte ruim das lutas feministas, mas, vi que não era possível defender uma parte sem ser a favor da outra. Surgiu então um novo dilema, como mostrar que essa doutrina não consegue atingir aquilo que propõem?

Para alcançar esse objetivo, o diálogo socrático veio em meu auxílio. Com ele pude entrar dentro do jogo e começar a jogar com as regras que já eram aceitas, para que em um segundo momento eu apresentasse novas regras que vêm como que para completar aquelas já aceitas. Quando se entra neste ambiente e parte-se de uma análise de dentro dele, utilizando-se de pontos que se unem para apresentar modificações às regras vigentes, torna-se mais fácil do que quando se procura mudar tudo de fora.

Uma coisa é certa, eu como homem de classe média, branco e cristão nunca vou poder entender o que as mulheres sofrem, mas tenho a certeza de que a única saída válida para esses problemas é como aprendi com Mario Ferreira dos Santos, uma filosofia positiva. Filosofias da

negação, que negam aquilo que é da natureza do homem, aquilo que se é observável no mundo só conduz a um caminho, separar tudo de todos.

Assim, é o feminismo, que com sua visão conduz as mulheres a uma luta contra os homens. Já o personalismo, principalmente o de Karol Wojtyła, ressalta aquilo que existe como meio unificador. Esse deve ser nosso caminho como amantes da verdade, mostrar as belezas da realidade e, principalmente, as belezas das pessoas quando olhadas da maneira correta.

No final deste trabalho só uma pergunta resta: “É realmente possível, neste lado do céu, superar nossa tendência à luxúria e ‘ver’ o corpo humano como uma revelação da dignidade humana e como um sinal do mistério de Deus? ”, essa pergunta é colocada por Christopher West no começo de seu livro *No coração do evangelho*, e essa é a única pergunta que nos resta diante de todo este problema. Como desenvolvido durante o trabalho, o problema da objetificação da mulher pode ser colocado como um problema de luxúria, durante todo o trabalho evitei de tratar sobre questões religiosas, mas não poderia deixar de tratar esta problemática, resumindo a pergunta do autor supracitado da seguinte maneira: poderia a natureza humana, caída pelo pecado, olhar para a pessoa humana com este olhar personalista?

Uma coisa é certa, se a resposta for negativa todas as leis possíveis e impossíveis podem ser criadas e todas as punições podem ser dadas a quem descumprir, mas nunca haverá essa igualdade pedida. E, para que a resposta seja positiva, temos que confiar na graça de Deus e na redenção da cruz, pois só lá, na cruz, entendemos o que é o amor verdadeiro. Um amor que se doa a tal ponto de derramar tudo aquilo que possui para ver o bem do amado.

Após essas colocações, só posso chegar a uma conclusão, hoje com toda a certeza posso afirmar não sou um feminista, mas sim um personalista. Pois quando reconhecemos a pessoa com toda a sua dignidade, quando a olhamos com esse olhar que reconhece o que o ser pessoa humana é em si, no momento em que isso acontece a única ação possível para a com pessoa é que se apresenta a mim é um olhar e amor e respeito.

Por fim, podemos pedir somente uma coisa: Senhor, dai-nos a graça de reconhecer cada vez mais o mistério que é cada pessoa humana e o dom próprio que provém deste ser pessoa humana e, principalmente, que a exemplo de Jesus possamos olhar, cada dia mais, para as pessoas e reconhecê-las como pessoas humanas merecedoras de tudo aquilo que eu puder lhes dar, para que alcancem a verdadeira felicidade.

## Bibliografia

ARISTÓTELES. **Poética**. 3. ed. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Educação e Bolsas, 1965.

ARTIGAS, Mariano. **Filosofia da Natureza**. 1ª. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2005.

BOCHENSKI, Józef Maria. **Diretrizes do Pensamento Filosófico**. 6. ed. São Paulo: EPU, 1977.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. 1º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **O que há de errado com o mundo**. 1º. ed. Campinas, Ecclesiae, 2013.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: perversão e subversão**. 1ª. ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CORÇÃO, Gustavo. **Uma teologia da história**. 1ª. ed. Niterói: Permanência, 2015.

CORÇÃO, Gustavo. **A descoberta do outro**. 1ª. ed. Campinas: Vide Editorial, 2017.

CORÇÃO, Gustavo. **Lições de abismo**. 1ª. ed. Campinas: Vide Editorial, 2018.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação apostólica Familiaris consortio**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

JOÃO PAULO II, Papa. **Teologia do corpo: o amor humano no plano divino**. 1º. ed. Campinas: Ecclesiae, 2014.

LLOSA, Mário Vargas. **Precisamos ler bons livros e incitar à leitura os que vêm depois de nós**. Disponível em: <http://substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/#more-22513>. Acesso em: 10 set. 2019.

LUCAS, Ramón Lucas. **L'uomo spirito incarnato: Compendio di filosofia dell'uomo**. 1ª. ed. Milano: Edizioni Paoline, 1993.

MARTINS-FILHO, Ives Gandra. **Manual esquemático de história da filosofia**. 1ª. ed. São Paulo: LTR, 1997.

MARTINS-FILHO, Ives Gandra. **Manual esquemático de filosofia**. 4. ed. São Paulo: LTR, 2010.

MONDIN, Batista. **Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras**. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 1980.

MOURA, Tânia Maria Pechir Gomes. **O vírus e a cura: Sanger e Stein, e a questão da mulher. Brasiliensis**, v. 8, n. 15, jan./jun., 2019.

PAULO VI, Papa. **Carta encíclica *Humanae Vitae***. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da filosofia**. 1ª. ed. São Paulo: LeYa, 2015.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Filosofia para corajosos: pense com a própria cabeça**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Amor para corajosos: reflexões proibidas para menores**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Espiritualidade para corajosos: a busca de sentido no mundo de hoje**. 1ª. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia pagã antiga**, v. 1. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2003a.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**, v. 2. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2003b.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**, v. 6. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOS, Mário Ferreira. **Filosofias da afirmação e da negação**. 1ª. ed. São Paulo: É realizações, 2017.

SCRUTON, Roger. **Desejo sexual: uma investigação filosófica**. 1ª. ed. Campinas: Vide Editorial, 2016.

STORK, Ricardo Yepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de antropologia: um ideal da excelência humana**. 2. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2016.

TRESE, L. J. **A fé explicada**. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 1999.

WEST, Cristopher. **Teologia do corpo para principiantes: Uma introdução básica à revolução sexual por João Paulo II**. 1ª. ed. Porto Alegre: Editora Myrian, 2014.

WEST, Cristopher. **Enchei estes corações: Deus, sexo e anseio universal**. 1ª. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

WEST, Cristopher. **No coração do evangelho: resgatando o corpo para a nova evangelização**. 1ª. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

WEST, Cristopher. **Boas novas sobre sexo e casamento: respostas para as suas principais dúvidas sobre o ensinamento católico**. 1ª. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade**. 1ª. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.